

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES PÚBLICAS, PROPAGANDA E TURISMO

MEI TAMADA

O Preconceito amarelo na pandemia de COVID-19 no Brasil

São Paulo
2021

MEI TAMADA

O Preconceito amarelo na pandemia de COVID-19 no Brasil

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Relações Públicas, apresentado ao Departamento de Relações Públicas, Publicidade e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Orientação: Profa. Dra. Simone Alves de Carvalho

São Paulo

2021

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Tamada, Mei

O Preconceito amarelo na pandemia de COVID-19 no Brasil / Mei Tamada; orientadora, Simone Alves de Carvalho. - São Paulo, 2021.
94 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo /
Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.
Bibliografia

1. Asiáticos Amarelos. 2. Pandemia. 3. Preconceito. 4. Estereótipos. I. Carvalho, Simone Alves de. II. Título.

659.2

CDD 21.ed. -

Nome: Mei Tamada

Título: O Preconceito amarelo na pandemia de COVID-19 no Brasil

Aprovado em: ____/____/____

Banca:

Nome:

Instituição:

Nome:

Instituição:

Nome:

Instituição:

Dedico este trabalho aos meus avós,
que me inspiram de todas as
maneiras possíveis e nunca
deixaram de acreditar em mim. Não
estaria aqui se não fosse por vocês,
vou levar cada momento e
ensinamento de vocês.

Agradecimentos

Primeiramente, à Universidade de São Paulo e à Escola de Comunicações e Artes, que me abriram tantas portas e me deram tantas oportunidades, dentro e fora da sala de aula. Obrigada por ser a minha segunda casa nessa jornada.

Às RPéias¹⁸ por todo o companheirismo e amizade dos últimos anos. Vocês marcaram a minha graduação, desde a nossa primeira FestECA nos arrumando juntos no CRP.

À BATERECA, que, em meio de muito samba, me trouxe tantos momentos bons e oportunidades de conhecer tantas pessoas extraordinárias.

À Karen, por mais coisas que eu consigo colocar em palavras. Eu não podia ter pedido alguém melhor para me acompanhar nessa loucura que foram os últimos anos, obrigada por ser a Kitty da minha Lara Jean.

Ao Fefe e Fred, que estiveram ao meu lado nesses quatro anos, em todos os trabalhos em grupo, conquistas, choros e risadas. Foram infinitas reuniões de grupo e bolos do CAC, e eu já estou com saudades de cada um deles.

Ao João Sitta e Henrique Abaca, minhas amizades mais inesperadas, vocês estão em todas as minhas melhores histórias dos últimos anos. Obrigada por me ensinarem a apostar em mim e a tomar riscos - mesmo que eu vá me arrepender depois.

Ao Guilherme Guigah e Bruno Militão. Obrigada por cada madrugada que eu passei reclamando de qualquer coisa, cada fofoca e cada piada sem graça que vocês fizeram para me animar.

À Andressa, Vitoria, Magdalena, Aline, Luiza, Vitor, Gabriel, Víctor e Gabi que estão comigo desde o colégio e me acompanharam por cada zero em física e aprovações no vestibular. Obrigada por estarem comigo há tanto tempo.

Ao Mateus Retori, Gabriel Toledo, Giovani Ruiz, Isabela Battel, Giovana Teles, Gabriel Neves, Nalau Giovanelli, Davi Claro, Helo Feliciano, Paula Tavares, Kauan Cristiano, Stella Tagomori, Jaime Silva, Pedro Passarinho, Guto e tantas outras amizades que me acompanharam e deixaram meus dias mais leves. Levo com muito carinho cada risada e cerveja que dividimos.

Ao Eric, colecionamos formaturas juntos desde o jardim de infância. Foi pré, primário, ginásio, colegial e agora vamos colocar mais um na conta.

Por fim, à minha orientadora, Simone, que me incentivou desde o começo e que me fez acreditar na importância do meu trabalho. Obrigada por aceitar me orientar e ouvir cada desabafo que veio ao longo do caminho. Passei a maior parte da minha vida diminuindo as minhas vivências e acreditando quando me falavam que tudo isso era mimimi, obrigada por me ajudar a perceber o contrário. Você é uma inspiração.

その地におもむき曇りのない眼で物事
を見定めるなら
あるいはその呪いを断つ道が見つかる
かもしれぬ

*Se você conseguir ver sem seus olhos
estarem cobertos pelos efeitos do
mundo, você vai achar o caminho para
acabar com a maldição, em tradução
livre.*

(Princesa Mononoke, 1997)

Resumo

O preconceito sofrido por pessoas amarelas está presente desde a chegada dos primeiros imigrantes asiáticos no Brasil, quando estes eram considerados uma ameaça, e eram chamados de "perigo amarelo". Atualmente, o termo foi ressignificado pelos seus descendentes, porém a ideia da ameaça amarela é usada como um instrumento político e ainda persiste nos dias atuais, sendo evidenciada pela pandemia de COVID-19. Este trabalho tem como objetivo refletir sobre o preconceito amarelo e como a pandemia de COVID-19 o fortaleceu, entendendo como essa construção se deu e como ela é perpetuada sob uma perspectiva da comunicação pública, juntamente com a comunicação digital. Esses fatores são importantes para analisar a comunicação feita ao longo da pandemia e como ela pode influenciar a percepção da população amarela no Brasil, uma vez que atualmente essas comunicações andam juntas e são importantes visto a polarização política no cenário brasileiro e a restrição de isolamento social imposto pela pandemia. Isso foi refletido na análise desse estudo, na qual, ao examinar o perfil do Twitter da Embaixada da China no Brasil e do deputado federal Eduardo Bolsonaro, foi possível verificar a divergência de posicionamento entre elas e a repercussão dentro e fora da rede.

Palavras-chave: Asiáticos Amarelos, Pandemia, Preconceito, Estereótipos

Abstract

The prejudice against yellow people in Brazil has been present since the arrival of the first immigrants, they were considered a threat, and were called as "yellow peril". Nowadays, the term has been resignified and reclaimed by their descendants. However, the idea of a yellow threat is still used as a political instrument and it has persisted until now. This form of racism has been highlighted by the COVID-19 pandemic. This paper briefly revisits the history of the asian immigration to Brazil and it aims to reflect about the yellow prejudice and how the COVID-19 pandemic has reinforced it, as well as, to understand the process through which it was builded up and perpetuated in a public communication perspective alongside the digital communication. These factors have to be taken into consideration when analyzing the communication throughout the pandemic and how it can influence the perception of the yellow population in Brazil, since nowadays, those two types of communications walk together and are essential, due to the polarization of the Brazilian political scenario and the social isolation restrictions caused by the pandemic. This scenario was reflected in this study's analysis. As we examined the China's Embassy and Eduardo Bolsonaro's Twitter account, it was possible to note the divergence of position between them and the repercussion inside and outside the network.

Keywords: Yellow Asians, Pandemic, Prejudice, Stereotypes

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Microagressões sofrida por amarelos	31
Figura 2 – Embranquecimento de pessoas amarelas	32
Figura 3 - Aviso pregado em prédio comercial na Berrini, em São Paulo	46
Figura 4 - Matéria sobre vacinas	48
Figura 5 - Parte 1: Dória e a "Vachina"	49
Figura 6 - Parte 2: Dória e a "Vachina"	49
Figura 7 - Parte 3: Dória e a "Vachina"	50
Figura 8 - Perfil da Embaixada da China no Brasil no Twitter	52
Figura 9 - Recomendações culturais da @EmbaixadaChina	52
Figura 10 - Atualizações da pandemia por @EmbaixadaChina	53
Figura 11 - @EmbaixadaChina sobre a politização da ciência	53
Figura 12 - Parte 1: Carta aberta à sociedade brasileira	55
Figura 13 - Parte 2: Carta aberta à sociedade brasileira	55
Figura 14 - Parte 3: Carta aberta à sociedade brasileira	56
Figura 15 - Retweet do embaixador da China	57
Figura 16 - Perfil de Eduardo Bolsonaro no Twitter	58
Figura 17 - Parte 1: Histórico de atleta	59
Figura 18 - Parte 2: Histórico de atleta	60
Figura 19 - Indignações no Twitter por internautas	61
Figura 20 - Tratamento precoce	62
Figura 21 - @EmbaixadaChina sobre eficácia da vacina	63
Figura 22 - @BolsonaroSP sobre eficácia da vacina	64
Figura 23 - Tweet polemico de @BolsonaroSP	66
Figura 24 - Repercussões das falas de Donald Trump e Mike Pompeo	68

Figura 25 - Parte 1: Resposta da @EmbaixadaChina	69
Figura 26 - Parte 2: Resposta da @EmbaixadaChina	69
Figura 27 - Parte 1: Nota de esclarecimento de @BolsonaroSP	70
Figura 28 - Parte 2: Nota de esclarecimento de @BolsonaroSP	71
Figura 29 - Parte 1: Resposta de @WanmingYang	73
Figura 30 - Parte 2: Resposta de @WanmingYang	74
Figura 31 - Resposta de @RodrigoMaia	74
Figura 32 - Resposta de @ernestofaraujo	75
Figura 33 - Parte 1: Resposta de internauta	76
Figura 34 - Parte 2: Resposta de internauta	76

Sumário

Introdução	13
1 Recorte Histórico	15
1.1 A imigração japonesa para o Brasil	16
1.2 A imigração chinesa para o Brasil	18
1.3 Uma breve linha do tempo das leis brasileiras de imigração	22
1.4 O perigo amarelo	27
1.5 O perigo amarelo na pandemia: #EuNãoSouUmVírus	30
2 A importância da comunicação digital para a comunicação pública	35
2.1 A comunicação pública	35
2.2 A comunicação digital	38
2.3 A comunicação na criação e manutenção de comunidades	41
3. Análise das discussões no Twitter	45
3.1 Contexto	46
3.2 @EmbaixadaChina	51
3.3 @BolsonaroSP	58
3.4 Comparação e atritos	62
3.5 Repercussão	72
Considerações Finais	79
Referências	82

Introdução

Esta monografia surgiu de um debate - ou a falta dele - causado pela pandemia de COVID-19, no Brasil. A pandemia trouxe consigo mudanças em diversos aspectos da nossa vida, de forma que o nosso cotidiano foi bruscamente alterado com o isolamento social e as notícias sobre o novo vírus dominaram os veículos de comunicação, no entanto houve eventos que continuaram os mesmos, como foi o caso do preconceito, em especial o preconceito contra pessoas amarelas. O vírus reacendeu velhos preconceitos e discussões em torno do tema, uma vez que cada vez mais relatos de agressões e assédios sofridos por pessoas amarelas apareciam.

A origem do vírus foi o bastante para dar origem a uma série de comentários e ações xenofóbicas, dentro e fora do mundo digital. No entanto, a ameaça que se personificava na figura do asiático não é nova e muito menos accidental, como veremos, a ameaça, ou "perigo amarelo" é um termo e um medo antigo, que surgiu muito antes do coronavírus, porém que não é discutida o suficiente.

A falta de visibilidade da comunidade asiática tem raízes históricas, como vamos explorar nas próximas páginas, e atualmente é um grande empecilho para o debate sobre o tema do preconceito amarelo. Tal preconceito marca a vida de qualquer amarelo no Brasil, uma vez que desde criança crescemos sendo percebidos através da perspectiva do mito da minoria modelo, o qual, muitas vezes, faz com que o preconceito assuma um tom de piada e por isso, não sendo reconhecida propriamente como um preconceito.

No entanto, esse preconceito se modifica com a chegada da pandemia, uma vez que em busca de um culpado pelo surgimento do vírus, o estereótipo em volta da pessoa asiática deixa de ser o de minoria modelo para tomar um ar mais pejorativo. Comentários sobre os hábitos alimentares e higiene eram comuns, e na era das *fake news*, pessoas asiáticas foram vistas como um vetor para o vírus, desencadeando uma série de relatos de agressões e comentários xenofóbicos. Dessa forma, fica claro que "Devemos considerar que os momentos de crise aguda – quando os valores têm de ser reordenados – possibilitam o (re)aparecimento de ações intolerantes que, diante do recuo das instituições liberais, oferecem soluções políticas baseadas na repressão e no terror" (CARNEIRO, 2021, p.122).

Além disso, vale pontuar que o oriente, assim como a Ásia contempla diversos países e culturas e não se resume a apenas os países do leste-asiático, como se estabeleceu no imaginário do brasileiro. Dessa forma, a fim de não generalizar, o trabalho se concentrará em volta da pessoa descendente do leste-asiático, ou amarela, explorando o recorte histórico duas imigrações mais significativas no Brasil: a japonesa e a chinesa. Mesmo assim, há uma grande diferença entre os dois países, de forma que além das culturas e histórias distintas, ainda há uma diferença de como os dois países são percebidos no imaginário do brasileiro.

Assim, o objetivo deste trabalho é refletir sobre o preconceito amarelo no Brasil, entendendo as suas origens e como ele se perpetua até os dias atuais, sendo reforçado com a pandemia de COVID-19. Além disso, em meio ao cenário político polarizado atual, reforçado pelas redes sociais, busco também entender o papel da comunicação pública neste processo, a qual, veremos que pode ser usada tanto como uma aliada ou inimiga para o movimento.

Assim, o objetivo deste trabalho é refletir sobre o preconceito amarelo no Brasil. Para isso, nos próximos capítulos, apresentarei um recorte histórico, a fim de entender as origens, além da perpetuação e manutenção do preconceito e como ele foi reforçado pela pandemia de COVID-19. Além disso, em meio ao cenário político polarizado atual, reforçado pelas redes sociais, busco também entender o papel da comunicação pública neste processo, a qual, veremos que pode ser usada tanto como uma aliada ou inimiga para o movimento ao longo da análise.

1 Recorte Histórico

Atualmente, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2015, 45,22% dos brasileiros se declararam brancos; 45,06% pardos; 8,86% pretos; 0,47% amarelos e 0,38% indígenas. Além disso, o Brasil conta com 2 milhões de descendentes de japoneses no Brasil, sendo o país que mais abriga a maior comunidade de descendentes de japoneses fora no Japão, segundo dados da Embaixada do Japão no Brasil (YAMADA, 2020). Além disso, há cerca de 200 mil brasileiros que vivem no Japão, e o Brasil celebra no dia 18 de junho, o Dia da Imigração Japonesa, data em que os primeiros imigrantes chegaram ao Porto de Santos, em 1908. Entretanto, a discussão em volta do preconceito contra pessoas amarelas ainda é limitada.

Para entender o movimento e as suas pautas, é importante termos uma perspectiva da história das pessoas amarelas no Brasil. Além disso, vale explicar que o estudo se centra em torno das pessoas amarelas, quanto descendentes de leste-asiáticos, uma vez que a o recorte "asiáticos", embora muitas vezes usado como sinônimo para esses países, generaliza e apaga outras culturas, que fazem parte da Ásia, como a Índia e países árabes, assim como acontece para o termo "oriental".

No Brasil, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) usa a classificação "amarela" desde 1940.

Continuando com as classificações oficiais, em 1930, mais uma vez, não houve levantamento censitário em virtude da situação política do País, sendo retomada a série em 1940. Neste ano, foi incorporada a categoria "amarela" na classificação para dar conta da imigração japonesa acontecida, basicamente, de 1908 a 1929, depois de superadas as resistências parlamentares. (PETRUCCELLI, 2013, p.24)

No entanto, por falta de visibilidade e discussão sobre o tema, o termo "amarelo" acaba sendo usado como um termo guarda-chuva para descendentes de outros povos da Ásia, assim

movimentos asiáticos no Brasil, inspirados em debates da diáspora nos EUA, vêm abordando a necessidade de se considerar como também asiáticas as populações indianas, persas e de alguns países árabes. Em geral, estes poderiam ser da raça/cor asiática "marrom", conceito que, atualmente, inexiste tanto no IBGE, quanto no censo estadunidense, e diferiria da

categoria "pardo". Mas é preciso considerar as semelhanças e diferenças entre as comunidades dos dois países. (BERTOLOZZI, 2021)

O apagamento da população asiática, de forma geral, fica ainda mais evidente em obras como *O Povo Brasileiro*, obra clássica de Darcy Ribeiro, a qual, logo na sua introdução declara que "O Brasil e os brasileiros, sua gestação como povo, é o que trataremos de reconstituir e compreender nos capítulos seguintes" (RIBEIRO, 1995, p.19), porém a obra é centrada no colonizador branco, o índio nativo e o negro africano. Dessa forma é quase como se "o amarelo não tem vez e, neste não-lugar indefinido, muitas vezes é visto como 'quase' branco" (SAYURI, 2020).

Por fim, é interessante refletir sobre o termo amarelo como sendo escolhido para designar a população asiática, uma vez que a cor que designa a pele de um indivíduo "identifica também as várias etnias humanas e pode, às vezes, denunciar doenças, como o amarelo característico das enfermidades renais e hepáticas" (FARINA, et al., 2006, p.18). Assim, neste capítulo aprofundaremos essas reflexões e exploraremos a história por trás dos preconceitos e estereótipos que resistem até hoje, e que se intensificaram com a pandemia de COVID-19.

1.1 A imigração japonesa para o Brasil

Diferentemente da imigração japonesa para outras partes do mundo, o Brasil recebeu famílias inteiras, tendo um equilíbrio demográfico no país, já que contava com a presença de adultos, crianças e idosos de ambos os sexos. Além disso, o Brasil ainda recebeu imigrantes de todas as partes do Japão, podendo até dizer que "aqui se criou um pequeno Japão, reproduzindo a diversidade cultural e linguística existente na terra natal dos imigrantes" (SAKURAI, 2007, p.224). Assim, entre 1908 e o final dos anos 1970, chegaram cerca de 250 mil japoneses, e hoje, japoneses e descendentes já somam mais de dois milhões no Brasil, tornando-o o país que abriga a maior população de origem japonesa fora do Japão, segundo a Embaixada do Japão no país.

As imigrações japonesas para o Brasil iniciaram após a assinatura de um tratado comercial assinado pelos dois países em 1895. Tal tratado beneficiava os dois governos, uma vez que o governo japonês tinha o interesse de aliviar a carga demográfica do país e o governo brasileiro tinha interesse em conseguir mão de obra para trabalhar nas lavouras cafeeiras, além de interesse em exportar café para o

Japão. Assim, o governo japonês iniciou propagandas e divulgações do Brasil, se baseando na promessa de enriquecimento e prosperidade no país latino. Entretanto, a realidade que as famílias se depararam ao chegar em solo brasileiro era muito diferente da promessa do governo, já que, além da difícil adaptação na alimentação e costumes, era a própria produção dos imigrantes que pagava as despesas e gastos de viagem e que eles tiveram no país, dificultando o acúmulo de dinheiro.

Entre o final da década de 1910 e final da década de 1920 dois eventos podem ser destacados que facilitaram a compra de pequenos pedaços de terra. Primeiramente, houveram as chamadas "bocas do sertão paulista", que foram novas terras que surgiram decorrente da ampliação das lavouras de café, e em um segundo momento, a crise de 1929, que baixou os preços de café no mercado internacional, fazendo com que donos de terras dividissem suas propriedades e as vendessem. Com isso, várias famílias japonesas puderam ser proprietárias de terra e tornaram-se agricultores independentes, porém nem todas as terras eram férteis e algumas famílias tiveram que abandonar as suas terras. Essa mudança também influenciou o mercado nacional uma vez que com essa nova independência, novos produtos passaram a ser cultivados e vendidos no mercado, como algodão, arroz, batata, chá e banana.

O governo japonês fez esforços para estimular e amparar os japoneses que migraram para o Brasil. Além da propaganda, o governo ainda fez, em 1896, a Lei de Proteção aos Emigrantes, para incentivar a emigração, e também as "colônias dirigidas", em que os japoneses compravam lotes de terras brasileiras, ainda no Japão para depois virem para o Brasil com a promessa de enriquecimento. O sucesso das famílias japonesas no Brasil, preocupou a elite política, que resultou em leis, como a Lei de Cotas em 1934, que dificultava a entrada de imigrantes asiáticos no país, como veremos adiante.

É importante destacar também, o desejo de voltar ao Japão que era mantido por várias famílias japonesas que vieram para o Brasil, por isso o ensino do japonês era comum entre as famílias de imigrantes e o próprio governo japonês mandava livros didáticos e professores para o Brasil. Além disso, as associações são um ponto a ser destacado, uma vez que organizadas em meados do século XX, elas tinham um propósito de promover educação, esportes e lazer para a comunidade japonesa. Esse era um espaço de confraternização, de modo que esses encontros "eram

oportunidades de fazer amigos, trocar ideias, de sentir orgulho de fazer parte do lugar que era o novo lar da família. Eram também uma forma de conhecer outros japoneses com quem estabeleceram laços, arrumar casamentos, fazer negócios" (SAKURAI, 2007). No entanto, esses espaços tiveram uma repercussão negativa, que repercute até hoje, como Hugo Katsuo, mestrando da Universidade Federal Fluminense, coloca "Na imigração japonesa, estes eram considerados um povo que não se misturava, comparados ao elemento químico enxofre. Isso contribui para que os descendentes ainda não sejam considerados brasileiros" (KATSUO apud VALLE, 2021)

A Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945) afetou e repercutiu nos imigrantes japoneses no Brasil. O desejo de voltar ao Japão acabou com a derrota dos países do Eixo na Guerra e as reações ao acontecimento foram diversas, variando desde a iniciativa de ajudar parentes, via Cruz Vermelha, até o negacionismo e inconformismo com a derrota, que levou a criação de grupos e movimentos como o Shindo Remmei.

Por fim, depois da guerra houve um movimento significativo de famílias que deixavam o interior e iam para cidades em busca de melhorar o seu padrão de vida e educação para os seus filhos. A consequência desse esforço repercute até os dias de hoje, com descendentes de japoneses que ascenderam social e economicamente e agora ocupam lugares de prestígio. Além disso, na década de 1990, o movimento inverso ganhou força com nipo-brasileiros indo para o Japão para trabalhar, ganhando o termo *dekasegui*.

1.2 A imigração chinesa para o Brasil

A imigração chinesa pode ser dividida em quatro momentos, de acordo com as pesquisas do historiador Wang Gungwu, que chama esse movimento de diásporas. A primeira diáspora foi do século III a.C. até o século XVI, e ocorreu por conta dos comércios no sudoeste asiático, porém mesmo com as constantes viagens dos comerciantes, eles não perdiam o vínculo com a China. Já a segunda diáspora sínica foi resultado de um cenário inseguro causado por conflitos como a Primeira Guerra do Ópio (1856-1860) e a Segunda Guerra do Ópio (1899-1900). Essa diáspora resultou em um grande movimento em direção às Américas, em especial a América do Norte para substituírem a mão de obra escrava que havia sido abolida recentemente. Nesse momento, os trabalhadores asiáticos, em especial os chineses e indianos, eram

chamados pejorativamente de *coolies*, de forma que "O comércio de *coolie* é visto dentro do panorama da emigração mundial como emigração oriental em direção ao Ocidente ou às colônias de potências ocidentais localizadas no Oriente" (YANG, 1977, p. 421).

Já em meados do século XX, a terceira diáspora foi marcada pela mão de obra profissionalmente qualificada que foi para os Estados Unidos. Por fim, a quarta diáspora aconteceu a partir da década de 1970 e foi marcada pela abertura da China para o mundo, após o seu isolamento político, na qual agora ela tentava atrair investimentos estrangeiros, por meio de reformas econômicas. "As mudanças econômicas e políticas na China, além do afrouxamento das políticas de controle da emigração impulsionaram a saída cada vez maior dos chineses da China continental". (GÓES, 2013, p. 39 apud COSTA, 2020, p. 22)

Embora seja possível ter essa visão das diásporas chinesas, há poucos documentos e registros da imigração chinesa para o Brasil. Foi, provavelmente, em 1982, que relatos surgiram sobre a chegada dos imigrantes, que vinham trabalhar, principalmente, em lavouras de chá, resultando na chegada de duzentos a quinhentos chineses em 1810 (COSTA, 2020).

A chegada de chineses no Brasil não alcançou altos números uma vez que "houve um trânsito rarefeito durante o período colonial devido à concomitante ocupação portuguesa de Macau, à tentativa de trazer trabalhadores agrícolas chineses depois da vinda da família real ao Rio de Janeiro e a chegada de um baixo número de migrantes depois das turbulências políticas que deram cabo ao Império milenar em favor da República chinesa no começo do século XX" (PIZA, 2012, p. 118). Dessa forma, é estimado que o número de chineses que veio ao Brasil, ao longo do século XIX, não ultrapassa a marca de três mil pessoas.

Nessa época, os chineses que vinham ao Brasil como *coolies* trabalhar na Fazenda Imperial de Santa Cruz, em Niterói, encontraram um tratamento severo e violento pelos funcionários, que acreditavam que os imigrantes escondiam técnicas de plantio. Desse modo, devido aos castigos, os *coolies* chineses fugiram e passaram a trabalhar como cozinheiros e vendedores de pastéis e peixes (LEITE, 1999; LESSER, 2001; SHU, 2009). De acordo com Yang (2002 apud ARAÚJO, 2010), eles se aprimoraram na venda de pastéis e os vendiam nas regiões portuárias. Depois se estabeleceram em um tipo de comércio fixo, a pastelaria." (COSTA, 2020, p. 28)

Ainda assim, houve um esforço para estimular a migração chinesa, especialmente pela falta de mão de obra após a abolição da escravidão no Brasil em 1888, essa questão ficou conhecida como "questão chinesa". Além disso, na época, haviam ainda outros dois debates em volta dos chineses no Brasil. Havia fortes discussões acerca da questão da identidade nacional e das teorias de embranquecimento.

A vinda dos chineses para o Brasil foi cercada de contradições e xenofobia. Por um lado, um grupo defendia a vinda dos imigrantes, pois poderiam favorecer a economia da época, uma vez que já tinham experiência na lavoura, eram de baixo custo para os fazendeiros e por serem leais à China, não necessariamente iriam se estabelecer no Brasil. No entanto, havia uma forte oposição que via os chineses como inferiores e que seriam uma ameaça para o país, por isso acreditavam que a população ideal para "embranquecer" o país seriam os europeus.

A discussão chegou na política, tendo políticos como Domingos José Nogueira Jaguaribe Filho, Luiz Lacerda Werneck, Alfredo d'Escagnolle de Taunay e Joaquim Nicolau Moreira contra a vinda dos chineses. Dentre os seus argumentos, destaca-se a crença infundada que os chineses tinham a tendência de se viciarem em ópio, além da questão da inferioridade e eram contra o relacionamento entre raças. No entanto, políticos como Xavier Pinheiro e Quintino Antônio Ferreira de Souza Bocaiuva eram a favor da imigração chinesa, por motivos estritamente econômicos (COSTA, 2020). Assim, destaca-se a fala do então Ministro dos Negócios Estrangeiros, Moreira de Barros que afirmou:

Pode-se chamar os chins de raça inferior, mas onde eles se estabelecerem hão de multiplicar-se, crescer, espalhar-se por toda parte, e ainda que a raça superior os domine, os escravize, os governe, qualquer que seja o futuro da raça branca no mundo, onde eles obtiverem uma pátria, hão de fatalmente ocupar o país. Para isso basta-lhes viver, o que eles conseguem nas piores condições. (DEZEM, 2005, p.3)

E é apenas com o governo maoísta, na segunda metade do século XX, que aumenta, novamente, a vinda de imigrantes chineses ao Brasil. No último século, os chineses passaram a migrar como mão de obra temporária contratada e qualificada. De acordo com Piza, "Esses novos imigrantes foram para onde se ouvia dizer que havia chineses ou para novos lugares ainda. Como uma diáspora comercial, esse tipo

de presença chinesa simultaneamente de imigrantes e de produtos, traduz-se frequentemente pela abertura de centros de atacadistas que abastecem varejistas" (PIZA, 2012, p. 127)

Assim, se antes, o empreendedor chinês contava com o apoio da comunidade e acumulava pequenas quantias, as gerações seguintes enriquecem com os seus comércios e serviços (como restaurantes e tinturarias) e tendem a se desvincular de sua comunidade.

Por fim, é importante destacar também os estereótipos que se vinculam à imagem do chinês. Tais estereótipos são majoritariamente negativos, muitas vezes, sendo "lembrado como 'preguiçoso', 'viciado em ópio', 'ladrão de galinhas', 'pouco higiênico', 'civilizadamente atrasado', 'supersticioso', 'racialmente inferior', etc." (DEZEM, 2005, p.10). Além disso, pelo baixo número de fluxos migratórios para o Brasil, a sua imagem é associada a um elemento transitório, de forma que "a partir de meados da década de 1890, a palavra *chim*¹ praticamente desaparecesse dos discursos imigratórios, sendo substituída pela palavra japonês. No entanto, veremos que, assim mesmo, elementos pertencentes ao imaginário relacionado ao trabalhador chinês ainda permaneceram" (DEZEM, 2005, p.10).

É possível ver reflexos desta construção da figura do chinês no imaginário brasileiro até hoje, por meio da reprodução de preconceitos e estereótipos. O exemplo mais recente disso são os diversos relatos de ataques sofridos por chineses e seus descendentes e até enfrentando restrições a estabelecimentos. Essas ações foram engatilhadas pela epidemia do vírus da COVID-19, o qual acredita-se que começou na cidade de Wuhan na China no final de 2019 e se espalhou rapidamente pelo globo, causando instabilidade no cenário internacional e nacional.

Esse caso ainda destaca alguns dos velhos estereótipos dos chineses, como o jornalista Jeff Yang coloca em um artigo de opinião escrito a respeito "essa doença não é a única coisa que está se espalhando - ou a única coisa que está causando danos. Pela internet, vimos erupções de bodes expiatórios racistas [...]. Estes posts frequentemente alegam ou sugerem que a epidemia é o resultado dos hábitos

¹ Imigrante chinês (DEZEM, 2005, p.2).

alimentares e higiene chinesa" (YANG, 2021)². Yang ainda lembra que tais ideias eram usadas para defender o discurso de exclusão dos imigrantes chineses, como foi usado no Brasil e ficou conhecido como a questão chinesa, que exploraremos a seguir.

1.3 Uma breve linha do tempo das leis brasileiras de imigração

Ao longo do século XIX, o Brasil foi destino de milhares de imigrantes, sendo essa a sua imagem no cenário internacional. Como já visto anteriormente, houve fluxos vindos da Ásia, em especial da China e Japão, no entanto, a presença de estrangeiros amarelos não agradou grande parte da população brasileira da época, que acreditavam que asiáticos, africanos e indígenas seriam inferiores. O imigrante era uma figura polêmica uma vez que "O imigrante, interpretado como o 'outro', tornou-se foco de avaliações apressadas que, muitas vezes, culminam em atitudes de repulsa e ódio." (CARNEIRO, 2021)

Esse sentimento gerado pelo preconceito contra asiáticos se reflete também em políticas, como observado desde a primeira Constituição Brasileira, em 1824, promulgada por D. Pedro II. Nessa época, a Igreja era vinculada ao Estado, com a religião católica sendo a religião do Império e as demais religiões podendo ser praticadas apenas no âmbito doméstico, de forma que "ao mesmo tempo que se instituía um simulacro de liberdade religiosa, que as disposições posteriores, tornariam ainda mais limitada, concedia-se à religião católica o privilégio de religião oficial, a ser obrigatoriamente por todas respeitada." (SOUZA, 2006, p.1)

Uma das decorrências da união entre Igreja e Estado foi que a primeira era responsável por todos os registros do país. Isso acabou se mostrando um problema político, jurídico e diplomático para estrangeiros não católicos. Um exemplo disso foi a questão matrimonial, uma vez que casamentos não católicos não eram reconhecidos, e casamentos mistos eram considerados um sacrilégio. Foi apenas em

² Texto original: "the disease isn't the only thing that's spreading -- or the only thing causing harm. Across the internet, we've seen widespread eruptions of racist scapegoating [...]. The posts frequently claim or imply that the epidemic is the result of Chinese eating habits and hygiene" (YANG, 2021)

1863, após anos de debate e discussões, que o casamento e o óbito de pessoas de religiões diferentes da do Estado, puderam ser registrados.

O grande fluxo migratório para o Brasil, fez com que a questão fosse amplamente debatida e explorada especialmente para atender aos interesses dos imigrantes. Porém, como Rafael de Souza aponta, é interessante chamar atenção sobre

[...] o foco da questão da condição jurídica dos direitos civis de estrangeiros residentes no Brasil, sobretudo aqueles relacionados ao casamento de estrangeiros não-católicos – mas não só (consideraremos igualmente tutelas, registro de nascimentos, testamentos e óbitos), esbarrava em questões ideológicas afetas à religião. (SOUZA, 2006, p.9).

Além da questão religiosa, questões como a teoria de embranquecimento e da eugenia interferiram na vida e no tratamento que os imigrantes recebiam. Como Maria Eunice Maciel coloca, a eugenia foi "criada no século XIX por Francis Galton, a eugenia é um conjunto de ideias e práticas relativas a um 'melhoramento da raça humana' ou como foi definida por um de seus seguidores, ao 'aprimoramento da raça humana' pela seleção dos genitores tendo como base o estudo da hereditariedade" (MACIEL, 1999, p.121). Além disso, é importante destacar também

Como a noção de raça, naquele período, subsumia conceitos culturais como língua, religião, tradições e comportamentos, o projeto de branqueamento visava não apenas a transformação da sociedade brasileira em uma sociedade eminentemente branca, mas também dotada de traços culturais predominantemente europeus. (BUENO, 2013, p.35)

Também podemos ligar a frase com as atas escritas por A. J. de Azevedo Amaral, no I Congresso Brasileiro de Eugenia, na qual ele afirma que "exclusão de todas as correntes immigratorias [sic] que não sejam de raça branca" (AMARAL, 1929, p. 340 apud KOHATSU et al., 2021, p.126) para que houvesse a formação de uma "raça superior", pautada no eurocentrismo. Assim, "Ao negar os valores do “outro” – avaliado como um estranho à realidade nacional – o grupo dominante “garante” valores positivos para os seus membros. Daí a segregação estar a um passo da exclusão." (CARNEIRO, 2021)

Dessa forma, a eugenia passou a ser defendida também por cientistas, intelectuais e médicos que "viram na eugenia uma forma de analisar o país e contribuir

para a 'formação da raça' e para o seu desenvolvimento social e econômico" (OLIVEIRA, TARELOW, 2014). A partir daí diversas ações passaram a ser implementadas, especialmente visando o controle da entrada de imigrantes no país. Assim, "paulatinamente, construiu-se um discurso de cunho racista, embasado nos debates científicos para justificar a seleção imigratória que definia quais grupos de estrangeiros poderiam contribuir melhor para o desenvolvimento do Brasil e para a sua formação racial." (OLIVEIRA, TARELOW, 2014, p. 18)

As ideias eugenistas ainda persistiram ao longo do Estado Novo (1937-1945), que alinhado com o sucesso colônias dirigidas, alertou alguns políticos brasileiros na década de 1930, que consideravam "O Brasil como vulnerável a uma ameaça japonesa, pois estes já constituíram uma população próxima de duzentos mil indivíduos" (GERALDO, 2009, p. 187). Temendo o "perigo amarelo" criaram leis que dificultavam a imigração no Brasil, como a chamada Lei de Cotas, presente na Constituição brasileira de 1934, reflete isso claramente.

O sucesso dos japoneses, especialmente nas colônias dirigidas, chamou atenção. Na década de 1930, alguns políticos brasileiros alertaram o governo para "o perigo que o Brasil corria" com a presença desses imigrantes. A preocupação maior era se o Japão tinha planos de introduzir no Brasil esquemas semelhantes aos da Coreia e Manchúria. A rede criada pelo governo japonês no Brasil, com o estabelecimento de instituições de apoio, educação e saúde, de fato provocou receio na elite política brasileira. Diante disso, e movida por preconceitos vários, a Constituição brasileira de 1934 restringiu a entrada livre de japoneses, estabelecendo cotas para novos ingressos. (SAKURAI, 2007)

Durante esse período, "o japonês era estigmatizado e tratado como 'indesejável' e/ou como 'raça inferior', 'inassimilável como enxofre', considerado 'perigo amarelo.'" (KOHATSU *et al.*). Esse pensamento era reforçava as políticas anti-imigração que Getúlio Vargas promoveu durante o seu governo. Nesse momento, a necessidade por mão de obra e a necessidade de povoar o território brasileiro ainda era presente e defendida pelo governo, em contrapartida, Vargas ressaltava que "a orientação dada à política migratória até então não poderia mais continuar, isto é, com a livre entrada de imigrantes." (GERALDO, 2009, p.178).

Esse pensamento se refletiu claramente na própria Constituição de 1934:

Na Constituição de julho de 1934, o parágrafo 6 do artigo 121 determinava que restrições deveriam ser impostas à entrada de imigrantes com o objetivo

de garantir a “integração étnica e capacidade física e civil do imigrante”. Essas restrições estipulavam o limite anual, para cada nacionalidade, de dois por cento do número total dos respectivos membros já fixados no Brasil nos cinquenta (sic.) anos anteriores à aprovação da lei. Ficou ainda proibida, de acordo com parágrafo seguinte do mesmo artigo, a concentração de imigrantes em qualquer parte do território brasileiro. (GERALDO, 2009, p.176)

Não obstante, houve ainda diversos deputados que apresentaram emendas, as quais dificultaram a entrada de imigrantes no país. Dessa forma, é possível perceber como tais ideias xenofóbicas estavam presentes e estavam no imaginário da época, sendo propagada explicitamente por políticos da época. Como o texto de Geraldo (2009) aponta:

Entre essas propostas, estas seriam as principais: a de nº 841, de autoria de Walter James Gosling, propunha vetar a entrada de analfabetos. A de Arthur Neiva, de nº 1053, permitia apenas a entrada de “elementos da raça branca, ficando proibida a concentração em massa, em qualquer ponto do país”. [...] Miguel Couto apresentou a emenda de nº 21-E, onde proibia a imigração africana ou de origem africana e apenas consentia a asiática “na proporção de 5%, anualmente, sobre a totalidade de imigrantes dessa procedência existentes no território nacional”. A emenda de Xavier de Oliveira, nº 1.164, proibia, para “efeito de residência”, a entrada de elementos “das raças negra e amarela, de qualquer procedência”, além de estipular a obrigatoriedade do exame de sanidade física e mental “para todo o imigrante ou estrangeiro que se destine ao território nacional ou que se queira naturalizar cidadãos brasileiros” (GERALDO, 2009, 180)

Além disso, a ameaça japonesa constitui também um âmbito de ameaça à segurança nacional brasileira. Em alerta com invasão japonesa à Manchúria em 1931, deputados brasileiros, como Arthur Neiva, apontavam os japoneses tal qual uma ameaça e comparava a Amazônia com a Manchúria, quando os imigrantes começavam a ocupar o vasto território brasileiro, se instalando em áreas como Mato Grosso, Goiás e Pará (GERALDO, 2009).

A imagem do Japão imperialista também ganhou força, reforçando ainda mais a imagem do “perigo amarelo”. O medo de que o Japão poderia estar articulando uma invasão ao Brasil teve reflexos como o texto de uma página de Azevedo Amaral para a Gazeta do Rio, intitulada “A imigração japonesa e o exemplo alarmante da invasão da Manchúria”.

Apesar das diversas leis e ações ao longo da história que reforçaram a eugenia e a exclusão do estrangeiro amarelo, em 1980 foi instituído o Estatuto do Estrangeiro, Lei nº 6.815/1980, foi apenas em 2017 em que “A mudança de paradigma ocorre com

a atual Lei de Migração nº 13.445/2017, que tem como princípio a defesa dos direitos humanos e, como consta no Art. 3º, II - repúdio e prevenção à xenofobia, ao racismo e a quaisquer formas de discriminação." (KOHATSU *et al.*, 2021, p. 126). Ademais, a Lei 7.716/89 decreta que "Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional."

Além disso, nossa atual Constituição de 1988, garante, no art. 5º que "todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País, a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes." (Constituição, 1988). Dessa forma, como coloca Luiz Alberto David Araújo e Vidal Serrano Nunes Junior:

Os direitos fundamentais têm um forte sentido de proteção do ser humano, e mesmo o próprio *caput* do art. 5º faz advertência de que essa proteção realiza-se 'sem distinção de qualquer natureza'. Logo, a interpretação sistemática e finalística do texto constitucional não deixa dúvidas de que os direitos fundamentais destinam-se a todos os indivíduos, independentemente de sua nacionalidade ou situação no Brasil." (ARAÚJO, JÚNIOR *apud* GONÇALVES DA SILVA, 2009)

No entanto, mesmo com leis e direitos garantidos na Constituição, ações ofensivas e discursos xenofóbicos ainda são propagados na atualidade. A pandemia global de COVID-19 demonstrou isso, inclusive por meio de discursos de figuras públicas como o atual presidente da república e seus filhos, os quais têm se posicionado abertamente sobre a situação, propagando ideias xenofóbicas e sem fundamento, como foi o caso da fala do presente Bolsonaro em um evento, que ocorreu no dia 5 de maio de 2021, no Palácio do Planalto, "É um vírus novo, ninguém sabe se nasceu em laboratório ou por algum ser humano [que] ingeriu um animal inadequado. Mas está aí. Os militares sabem que é guerra química, bacteriológica e radiológica. Será que não estamos enfrentando uma nova guerra?" (BOLSONARO, 2021). No entanto, a própria Organização Mundial da Saúde (OMS) já se posicionou a respeito, declarando que a possibilidade de o vírus ter sido criado em laboratório e escapado é "extremamente improvável" (F. DE SÃO PAULO, 2021)

Tais ideias repercutem ainda com o Eduardo Bolsonaro, deputado federal e Paulo Guedes, ministro da economia. Tais posturas de figuras públicas do cenário político brasileiro tiveram consequências, como a cobrança feita pela biofarmacêutica

chinesa, Sinovac, a qual é desenvolvedora dos insumos para a vacina contra o Coronavírus, a Coronavac. De acordo com o jornal O Estado de S. Paulo, "uma carta da embaixada brasileira em Pequim ao Ministério da Saúde relata que, em reunião com integrantes do laboratório brasileiro, Weidong Yan afirmou que a mudança no posicionamento do governo Bolsonaro poderia levar a uma relação 'mais fluida' entre países." (O ESTADO DE S. PAULO, 2021). Dessa forma, essas ações vindas de figuras públicas apenas reforçam e ajudam a propagar ideias ultrapassadas, além de poderem repercutir negativamente no cenário internacional, como foi o caso dos comentários feitos por Eduardo Bolsonaro.

1.4 O perigo amarelo

Atualmente, a expressão "Perigo Amarelo" está relacionada à luta da comunidade amarela contra os preconceitos e estereótipos que sofrem por parte de culturas ocidentais, no entanto, a expressão teve uma origem diferente. Sua origem pode ser traçada para o final do século XIX e começo do século XX, em uma troca de cartas entre Guilherme II, imperador da Alemanha, e Nicolau II, czar russo (seu primo), na qual o primeiro responsabilizava o segundo por "cultivar o continente asiático e defender a Europa das incursões da Grande Raça Amarela" (PALMER, 2009, p. 31 apud SHIMABUKURO, 2017).

Até o final do século XIX, os japoneses eram um mistério para os europeus. Porém a vitória do Japão sobre a China na Guerra Sino-Japonesa (1894-1895), o Japão pode mostrar ao mundo o seu poder bélico, até então desconhecido, e causou uma mudança no equilíbrio de poderes no mundo, uma vez que, até então, a China era vista como a principal potência da Ásia (SHIMABUKURO, 2017). Essa vitória acabou repercutindo em outros países, uma vez que com a China enfraquecida, "A Rússia buscava manter a sua própria autonomia diante das potências europeias que disputavam a sua 'adesão'" (SAKURAI, 2007, p. 152), de forma que levou a troca de cartas entre os primos.

Outro conflito que impactou a imagem do Japão no mundo foi a Guerra Russo-Japonesa (1904-1905) pelos territórios da Manchúria e Coréia. Novamente, a vitória foi do Japão, ajudando-o a se consolidar como uma potência imperialista. Nessa época também, "Parecia que a imprensa ilustrada nacional, acompanhando o espírito

do escrutínio, estava deslumbrada com a possibilidade de um 'país exótico e de raça amarela' vencer o 'colosso branco russo'" (DEZEM, 2005, p.17). Assim, como Sakurai coloca, "É dessa época a expressão 'perigo amarelo; que, durante as décadas seguintes, sintetizou o receio ocidental em relação ao Japão guerreiro" (SAKURAI, 2007, p.152)

No Brasil, a desconfiança com as pessoas amarelas não foi diferente.

Ser japonês aos olhos do Ocidente naquele momento era representar uma nação militarista em ascensão, cujos elementos exóticos, como gueixas e samurais ainda alimentavam o curioso pensamento ocidental. No entanto, a imagem dos imigrantes japoneses era constituída não só de elementos positivos, mas também negativos. Enigmáticos, daí a expressão "sorriso amarelo", fisicamente inferiores e de cor âmbar, traiçoeiros (DEZEM, 2005, p. 2).

Pode-se afirmar, assim, que a raça de uma pessoa reside no olho de quem a observa, sendo o olho uma metáfora dos conteúdos que constroem na percepção uma raça, aparentemente objetiva, atribuída à pessoa que é observada

Além da contribuição para a construção da imagem da pessoa amarela como uma ameaça, no Brasil essa imagem de perigo ainda era reforçada de outras formas. No caso dos chineses, o perigo estaria atrelado à sua suposta inferioridade, de forma que "a repulsa aos chineses tem sua representação mais significativa na expressão 'perigo amarelo', associada à suposta inferioridade racial e os riscos da mistura facial" (KOHATSU *et al.*, 2021, p.126). Para os casos dos japoneses, podemos ligar a expressão com a ameaça que eles representavam com o sucesso das colônias dirigidas, a associação com o Japão como uma potência bélica e a assistência que o governo japonês disponibiliza para os imigrantes (SAKURAI, 2007). Como vimos anteriormente, esse ameaça era expressa por políticos, como foi caso do, já citado, Miguel Couto

Utilizando argumentos eugenistas, o deputado procurou demonstrar que os imigrantes japoneses não poderiam contribuir para o desejado "branqueamento". Entretanto, um outro elemento passou a ganhar crescente importância nessa discussão: a questão do imperialismo e expansionismo japonês como ameaça à segurança nacional. Por várias vezes, em seus discursos, Miguel Couto alertou quanto à invasão japonesa na Manchúria como exemplo concreto dessa ameaça. Dessa forma, os japoneses passaram a reunir alguns fatores temidos por este e outros deputados: a condição racial de não brancos, membros de uma nação imperialista e, ainda,

um grupo inassimilável concentrado em núcleos coloniais. (GERALDO, 2009, p. 183).

Com todos fatores, a ideia do "perigo amarelo" ganhou força e está presente até os dias atuais. Um exemplo notável disso é uma disputa entre Estados Unidos e China, uma vez que a última, após passar pelo "século de humilhação", que foi do século XIX até meados do século XX, ganhou notoriedade no cenário internacional. Atualmente, pode-se colocar o crescimento econômico chinês como uma ameaça aos Estados Unidos, que acabaram travando uma guerra comercial no governo Trump (NARITA, 2020). O político ainda agravou o cenário com discursos mal vistos, gerando comentários como "a tosquice de Donald Trump, que não mede as palavras para ser xenófobo e racistas, engrossou de vez o discurso contra o Outro, o não norte-americano, que deve ser inferiorizado, temido e rechaçado" (NARITA, 2020).

Por fim, é interessante realizarmos uma reflexão quanto a psicologia por trás das cores. Quando falamos do amarelo, "Reginald Roberts, conhecido cromoterapeuta inglês, dizia que o excesso do amarelo pode produzir indigestões, gastrites e úlceras gástricas" (FARINA, Modesto, et al., 2006, p.18). O livro *Psicodinâmica das cores em comunicação*, ainda aborda a questão da pele amarelada, que está ligada a doenças, uma vez que "pode, às vezes, denunciar doenças, como o amarelo característico das enfermidades renais e hepáticas" (FARINA, Modesto, et al., 2006, p.18). Quanto às emoções, o amarelo pode ser relacionado com a alegria, o poder e o dinamismo, porém também pode remeter a irritação, a covardia e a potencialização.

O amarelo também marcou presença na última década do século XIX, onde era associada ao pecado, à podridão, à decadência e à loucura. Na época, os livros de autores decadentes franceses vinham para a Inglaterra encadernados em amarelo e eram mal vistos na época, sendo motivo de horror (ORSI, 2014). Assim, ao entender a psicologia por trás e um pouco da sua história e até expressões da nossa língua, como o "sorriso amarelo" citado por Dezem anteriormente, é possível entender melhor a influência da cor que hoje marca uma raça. Assim, é interessante ressaltar que "a raça de uma pessoa reside no olho de quem a observa, sendo o olho uma metáfora dos conteúdos que constroem na percepção uma raça, aparentemente objetiva, atribuída à pessoa que é observada" (PETRUCCELLI, 2013, p.22), logo é importante entender algumas percepções por trás da raça amarela.

1.5 O perigo amarelo na pandemia: #EuNãoSouUmVírus

O movimento de militância amarela hoje ressignificou o termo, que um dia era atrelado ao preconceito, assim o Perigo Amarelo, hoje se associa à luta da comunidade amarela contra o racismo e preconceito amarelo. Por sua vez, o coronavírus traz uma onda de intolerância, que resulta em atitudes e ações ofensivas contra pessoas amarelas. Assim, no cenário atual de redes sociais e proliferação de fake news, a luta contra o preconceito e intolerância ganha importância.

Outro aspecto do preconceito contra pessoas amarelas está na estereotipação de pessoas amarelas, juntando as diversas culturas que compõem o leste asiático dentro de uma só. Lais Miwa Higa, doutoranda de antropologia social pela Universidade de São Paulo, coloca que “Na prática, reduz descendentes de culturas asiáticas amarelas a uma mesma coisa, negando que haja pessoas diversas. Isso desumaniza”.

A desumanização também é um ponto abordado por Niral Shah, professor assistente de ciências da educação e desenvolvimento humano da Universidade de Washington, no artigo *Asians are good at math? Why dressing up racism as a compliment just doesn't add up* publicado originalmente no site *The Conversation*, mas traduzido por Cecilia Inamura do jornal Nexo. No artigo, Shah desconstrói o imaginário de que “todo asiático é bom em matemática”, herança da associação da minoria modelo com a pessoa asiática. O pensamento ultrapassado implica em um estereótipo sem embasamento que todo o asiático e seus descendentes teriam uma facilidade natural na área das ciências exatas.

Isso pode parecer engraçado inicialmente, mas a mensagem por trás é clara: pessoas asiáticas não são vistas como seres humanos; elas são máquinas de calcular. Asiáticos são literalmente objetificados, vistos como capazes de fazer coisas com uma velocidade e escala que pessoas “normais” não conseguem. Em outras palavras, eles são desumanizados. (SHAH, 2020)

Dessa forma, a vida da pessoa amarela é marcada por preconceitos e estereótipos, que se passam por "brincadeiras" e piadas. "O preconceito não chega a ser, na maioria das vezes, violência ou criminalidade, mas são pequenas brincadeiras e frases que marcam a vida de um asiático como um estigma", escreve Jessica Yumi em seu post que viralizou nas redes sociais, no qual, por meio de um ensaio fotográfico, ela aborda a questão dos preconceitos e microagressões sofridas por pessoas amarelas no Brasil. Jessica mostra por meio de suas fotos frases e "piadas" que a pessoa amarela já ouviu crescendo no Brasil.

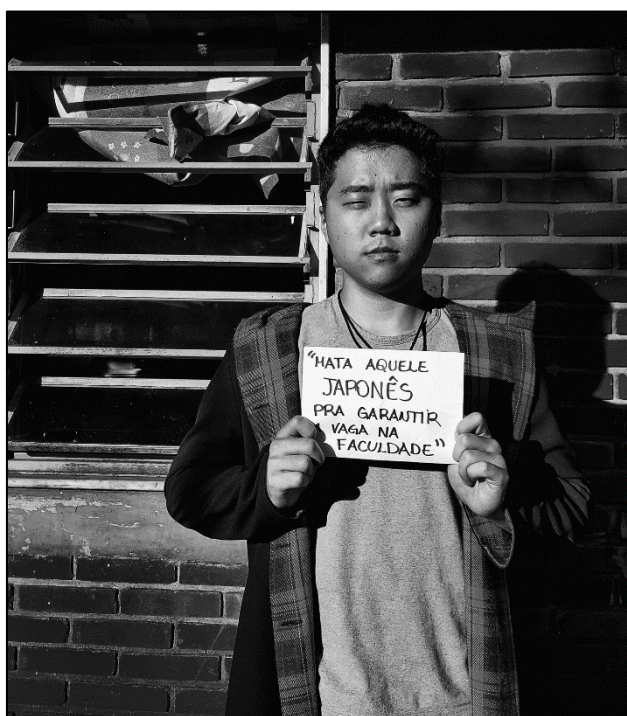


Figura 1 - Microagressões sofrida por amarelos
Fonte: Reprodução/Jessica Yumi

Essas microagressões muitas vezes tentam se passar por brincadeiras, porém elas não podiam ser mais diferentes disso. Na foto acima, retirada do trabalho de Jessica, a frase escolhida para comentar sobre o preconceito contra pessoas amarelas é "mata aquele japonês para garantir vaga na faculdade", e pode ser considerado um crime, por incitar a violência, pelo Artigo 286 do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de dezembro de 1940, acarretando uma detenção de três a seis meses, ou multa.

Infelizmente, esse preconceito ainda é pouco falado e repercutido, uma vez que o movimento do Perigo Amarelo, como militância, ainda está crescendo. O que acontece é que, muitas vezes pessoas amarelas são lidas como brancas, e os

comentários racistas como piadas, uma vez que o estereótipo do amarelo é pautado na antinegitude, já que "A pele clara – ou pelo menos não negra – dos japoneses foi seu passaporte para o Brasil numa época marcada pela busca eugênica da 'raça brasileira', especialmente nas primeiras décadas de 1900. Eram *menos inferiores* que negros, portanto o menor dos males" (SHIMABUKO, 2016). Shimabuko ainda aponta um motivo para a sua perpetuação: "Nós nos assimilamos à branquitude porque não estamos e nem queremos estar na posição de negros, conscientemente ou não. Aceitamos e *reproduzimos* a antinegitude, permitimos que mercantilizem nossas culturas e permanecemos calados porque isso nos concede privilégios" (SHIMABUKO, 2016).

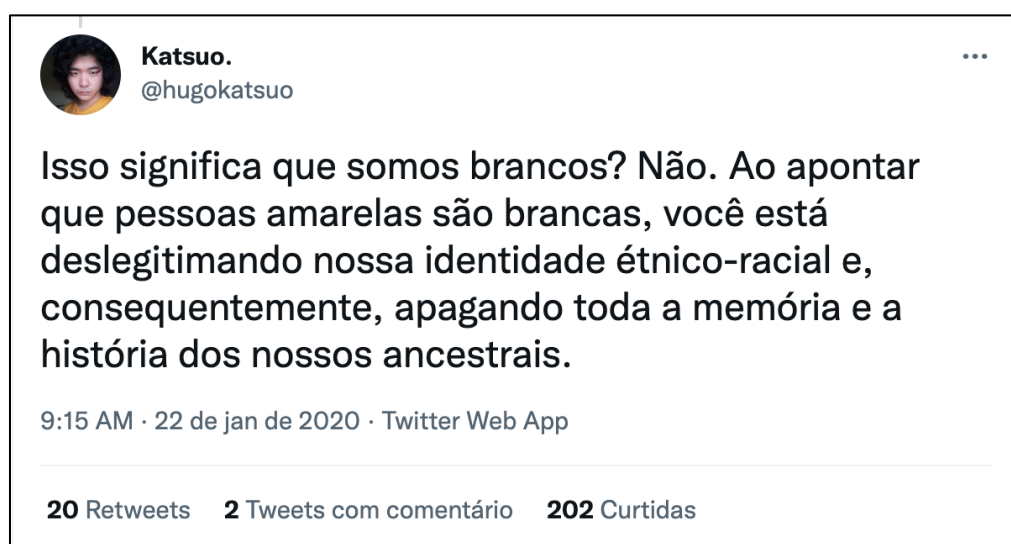


Figura 2 - Embranquecimento de pessoas amarelas
Fonte: Twitter

Ademais, o preconceito amarelo é naturalizado, fazendo com que "Muitas vezes, o custo social de reagir à discriminação acaba sendo muito alto. Enquanto você acata que é só uma piada e finge que tá tudo bem, você faz parte da branquitude. Mas dentro de um espaço que é bem definido —se sair dele, você incomoda" (SHIMABUKO, 2017).

Por fim, ainda há um fator histórico ao se falar sobre a normalização do preconceito pelos próprios asiáticos, uma vez que durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o Brasil, que na época estava sob comando de Getúlio Vargas, se alinhou com os Estados Unidos. Isso refletiu profundamente nos imigrantes dos países do Eixo - Alemanha, Japão e Itália - que passaram a ser mal vistos. Por

consequente, "Para sobreviver, muitos passaram a apagar sua identidade e adotaram comportamentos de forma a não chamarem atenção, inclusive sobre suas posições políticas. Por esse motivo até hoje é comum que muitos amarelos adotem opiniões conservadoras e/ou vão de encontro ao que pensa a maioria." (KATAOKA, 2018)

Por sua vez, a pandemia trouxe à estereotipação de pessoas amarelas uma nova camada. "Estereótipo que não é somente estético, mas moral. Se o vírus veio da Ásia, logo todo 'asiático' pode me infectar", como coloca o mestrando da Universidade Federal Fluminense (UFF), Hugo Katsuo.

O estereótipo não foi exclusivo do Brasil, mas sim um medo que se espalhou em todo o mundo. Foi assim que a hashtag #JeNeSuisPasUnVirus foi iniciada na França, e não demorou para ser usada ao redor do mundo, incorporada por estudantes asiático-americanos da Universidade da Califórnia como #IAmNotAVirus, chegando até no Brasil como #EuNãoSouUmVirus (UOL, 2020).

Assim, a ameaça que a pessoas amarela representa no imaginário brasileiro se modificou ao longo dos anos, porém nunca perdendo a desumanização e a visão do amarelo como "o outro". O que começou como o medo da figura misteriosa do asiático no século passado, pautado na eugenia e do medo de um Japão imperialista, posteriormente se transforma nas microagressões e o estereótipo da minoria modelo, na qual o amarelo vira uma ameaça em lugares como vestibulares e o mercado de trabalho. Por fim, a instabilidade trazida pelo coronavírus traz uma nova ameaça para a figura do amarelo, na qual qualquer pessoa amarela seria um vetor do vírus.

O mito do Perigo Amarelo é um instrumento político, cujas origens remontam a uma tradição de obras e crenças similar – porém não sinônima – à ideologia orientalista que Edward Said descreve em seu livro *Orientalismo* (1978). O Perigo Amarelo é extremamente mutável e depende inteiramente da conjuntura política, visando sempre favorecer o Ocidente ao atribuir papéis de inimigo comum, muitas vezes racializados, ao Japão e à China (SHIMABUKURO, 2017)

Dessa forma, é possível perceber que o uso da ideia do perigo amarelo está presente desde o início da imigração de povos do leste-asiático para o Brasil, sendo reforçado por pensamentos ultrapassados e atualmente sendo propagados por meio das chamadas *fake news*. Esses preconceitos ainda podem ser refletidos em ações, como foi o caso dos relatos de assédios durante a pandemia de COVID-19, ou até em

leis, como aconteceu ao longo do século passado. Dessa forma, fica explícito o uso da ideia perigo amarelo como instrumento político, como colocado por Shimabuko.

2 A importância da comunicação digital para a comunicação pública

Por mais que a comunicação pública seja relevante em diversos aspectos, para conseguir entender plenamente a comunicação pública, devemos levar em consideração o aspecto digital oferecido por meios de redes sociais e plataformas que marcam a sociedade contemporânea. Como Elizabeth Brandão coloca "Atualmente a mídia é parte do jogo político, econômico e social, e partilha e disputa o poder com ou contra o Estado e com frequência à custa do enfraquecimento do papel do Estado" (BRANDÃO, 2007, p.6).

É interessante destacar que a emergência da Internet ainda trouxe as chamadas comunidades virtuais, que permitem que indivíduos com interesses, valores, ideias e projetos semelhantes se aproximem, criando tais comunidades, uma vez que a Internet "É uma extensão da vida como ela é, em todas as suas dimensões e sob todas as suas modalidades." (CASTELLS, 2003, p. 100). Ademais, vivemos em um momento que há uma forte convergência de mídias, impactando na estrutura, de emissor e receptor na qual, Henry Jenkins coloca que "a convergência, como podemos ver, é tanto um processo corporativo, de cima para baixo, quanto um processo de consumidor, de baixo para cima. A convergência corporativa coexiste com a convergência alternativa" (JENKINS, 2012, p. 46).

Isso foi possível, principalmente por causa dos avanços de novas tecnologias, em especial as tecnologias de informação e comunicação (TICs) (JUNIOR, 2009, p.95). Dessa forma, neste capítulo vamos nos aprofundar nos conceitos e entender as especificidades e potencialidades da comunicação pública e comunicação digital.

2.1 A comunicação pública

A comunicação pública pode ser entendida de várias formas, uma vez que está presente em diversas áreas e contextos. Para Jorge Duarte, a comunicação pública "é aquela que busca garantir a transparência, a participação, o diálogo, o acesso a informações de interesse público e o exercício da cidadania" (DUARTE, 2018, p. 44), de forma que ao se utilizar de recursos públicos, ela deve priorizar o interesse público acima do privado. Duarte ainda destaca que os indivíduos que praticam essa

comunicação, devem ser éticos e ter a "capacidade de estabelecer políticas que viabilizem o exercício de uma cidadania consciente e ativa" (idem).

Nessa linha, Elizabeth Brandão identifica cinco áreas de conhecimento e atividade profissional que a comunicação pública está ligada, mas ressalta que "um ponto comum de entendimento que é aquele que diz respeito a um processo comunicativo que se instaura entre o Estado, o governo e a sociedade com o objetivo de informar para a construção da cidadania. (idem, p. 9) A primeira é na área de comunicação organizacional, cujo principal objetivo é o mercado, na tentativa de vender uma imagem em busca de lucro, seja este financeiro, pessoal, status ou poder (idem, p. 3).

A comunicação pública também pode ser identificada na comunicação científica, que visa integrar a Ciência por meio da comunicação. Aqui também se enquadra a saúde pública, uma vez que se trata "de um processo de comunicação construído e mantido pelo Estado, tendo em vista o desenvolvimento do país e de sua população" (idem p. 4), que acontece em um espaço público.

Em seguida, temos a área de comunicação governamental, na qual a comunicação é responsabilidade do Estado e é voltada para a cidadania. Aqui, ela pode se cruzar com a comunicação pública

na medida em que ela é um instrumento de construção da agenda pública e [...] provoca o debate público. Trata-se de uma forma legítima de um governo prestar contas e levar ao conhecimento da opinião pública projetos, ações, atividades e políticas que realiza e que são de interesse público. (BRANDÃO, 2007, p. 5).

A comunicação política também é uma área interessante e foco de vários estudos contemporâneos, e está ligada com a mídia, uma vez que "hoje em verdadeira simbiose com os cenários político, econômico e social, na medida em que a vida na sociedade contemporânea também está, a cada dia, mais "mediada" pela comunicação." (BRANDÃO, 2007, p. 6). Essa comunicação pode acontecer tanto na expressão pública de posicionamentos políticos, utilizando técnicas e ferramentas de comunicação quanto nas disputas de veículos e detentores de comunicação, nas quais a população tem o direito de intervir e o Estado deve gerir as questões políticas que as envolvem.

Já a última área da comunicação pública é aquela desenvolvida pelo terceiro setor e movimentos sociais, os quais utilizam de estratégias de comunicação da sociedade civil organizada. Dessa forma, nela as responsabilidades públicas são de toda sociedade, não apenas do Estado.

Por fim, para entender o processo de disseminação de informações presente na comunicação pública, independentemente de sua área, Mariângela Haswani estabelece alguns fundamentos desse processo, sendo esses o dado, a informação, a comunicação, o relacionamento, a participação e o compartilhamento (HASWANI, 2010, p.89). De acordo com a autora, o processo inicia-se com o dado, este seria o fato registrado, que não possui "significado próprio, constituindo-se apenas um registro, numérico ou em critérios estabelecidos previamente à coleta." (idem). Embora os dados possam existir em grande quantidade, é apenas quando conseguimos cruzar e dar contexto a eles, que se tem a informação, e é a partir dela que os dados podem ser interpretados. Assim, um dado pode ser usado de maneiras diferentes, dependendo do contexto que é lhe dado (idem, p.92).

Embora a comunicação possui várias definições em áreas do conhecimento distintas, ela ainda possui elementos constantes quanto ao seu processo, sendo esses o emissor e receptor, o canal, a resposta e a mensagem (idem, p.93). Esta última destaca-se uma vez que não há como existir comunicação sem uma mensagem a ser transmitida, especialmente no contexto de comunicação pública, a autora aponta que "a informação garantidora de direitos, se não fornecida pelo Estado, impede o início do processo de comunicação." (idem, p.93). Ademais, o canal, ou meio, também são imprescindíveis para que a comunicação aconteça e o processo possa ter continuidade.

O relacionamento, como o nome indica, pressupõe uma estrutura de troca e reciprocidade, além de disponibilidade de tempo, portanto ele demanda uma estrutura mais complexa para acontecer, já que o Estado deve não só criar um canal, mas também fazer a sua manutenção, a fim de dar continuidade ao relacionamento. Haswani coloca que "a maior virtude do relacionamento é a oportunidade que as partes envolvidas têm de conhecimento recíproco, do estabelecimento de algum grau de intimidade que facilita trocas e administração de conflitos por meio do diálogo/debate" (idem, p.95). É interessante apontar também que o diálogo e debate não são sinônimos da comunicação, já que eles pressupõem a "provável presença de

conflitos, problemas ou divergências que demandem acordo ou solução." (idem, p. 95).

Por sua vez, a participação além de carregar o significado de comunicar, também traz o "partilhar". Aqui, o indivíduo tem "direito de livre manifestação, individual ou coletiva [...], todavia, ninguém garante que as suas sugestões serão aceitas" (idem, p.97). Já o compartilhamento também há espaço para deliberação, porém os indivíduos arcam com as consequências - positivas ou negativas - do que foi deliberado. De acordo com a autora, o diferencial entre os dois "são a garantia de poder decidir sobre os rumos - dos temas, das políticas, dos instrumentos e dos investimentos necessários - e a responsabilidade sobre a gestão e os resultados das decisões." (idem, p. 97)

Essa sequência é importante para poder entender todos os fundamentos em volta desse processo e aplicá-lo para as mais diversas situações. Por fim, a autora termina evidenciando que há na sequência exposta, uma cadeia evolutiva. Assim

Os diferentes níveis acomodar-se-ão, apropriadamente, nas ações de realização do Estado Democrático de Direito. À medida que a sociedade civil angaria maior espaço nos hostes estatais, galgará também os níveis de informação ao compartilhamento, este último indispensável à realização do cidadão como ator politicamente ativo" (HASWANI, 2010, p. 98).

Essa sequência é importante para poder entender todos os fundamentos em volta desse processo e aplicá-lo para as mais diversas situações. No caso, a polarização política agravada pela pandemia do COVID-19, resultou em um cenário instável no país, no qual a comunicação feita por órgãos e até personalidades públicas, ganha relevância. Dessa forma, ainda precisamos entender a comunicação digital, para poder analisar a comunicação pública realizada por algumas dessas figuras, assim como o seu discurso e embate de ideias.

2.2 A comunicação digital

Atualmente, as redes sociais ganham cada vez mais relevância e inclusive, influência política. De acordo com a pesquisa #Digital2021 realizada pelo We Are Social, publicada em janeiro de 2021, 59,5% (4,66 bilhões) da população mundial é usuário da internet, sendo o *Facebook* a rede que se destaca. No Brasil, houve um

aumento de 7,1% nos usuários de redes sociais, totalizando 70,3% (150 milhões) da população como usuário ativo das redes. É importante entender a presença das redes sociais no nosso cotidiano, uma vez que as relações humanas que se estabelecem por meio das mídias digitais não se limitam a esse espaço, mas articulam a própria vida humana (MARTINO, 2014, p. 9).

No Brasil, a pesquisa estipula que 96,3% dos brasileiros possui uma rede de celular, esse dado chama atenção para a chamada cultura de convergência, que, de acordo com Henry Jenkins, seria o aumento na interação das mídias, de forma mais complexa (JENKINS, 2012, p.30). Jenkins caracteriza o aspecto da convergência como:

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. (JENKINS, 2012, p. 29).

Mesmo essa sendo a realidade hoje, o interesse na convergência de mídias está presente desde o início da década de 1990, com as tentativas de convergência entre televisão e internet (CASTELLS, 2003, p.156). A internet por sua vez, teve sua origem em meio a Guerra Fria, em 1969, pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos, que desenvolveram a Advanced Research Projects Agency (ARPA) e seu objetivo era "estimular uma rede de pesquisa interativa" (CASTELLS, 2003, p.14). A rede operou com sucesso em 1972, e o próximo passo foi criar uma rede de redes, assim criou-se protocolos de comunicação padronizados, sendo um deles usado até os dias de hoje. Nos anos seguintes, foram inúmeras tentativas e estudos em volta do assunto, de forma que

A possibilidade de compartilhar dados na forma de dígitos combinada com a integração de processadores em redes de alta velocidade estabeleceu as condições, ao longo do século XX, para o desenvolvimento de uma teia de conexões descentralizadas que veio a se tornar a internet. (MARTINO, 2014, p.12).

Assim, foi apenas na década de 1990 que a Internet cresceu e se popularizou. Isso foi possível graças aos provedores de serviços da Internet que montaram, de maneira comercial, suas próprias redes e o projeto inicial da Arpanet, que era

"baseado numa arquitetura em múltiplas camadas, descentralizada e protocolos de comunicação abertos." (CASTELLS, 2003, p.15). Além disso, foi apenas com o desenvolvimento da *world wide web* que a internet adquiriu seu caráter global, dessa forma

Embora a Internet tivesse começado na mente dos cientistas da computação no início da década de 1960, uma rede de comunicações por computador tivesse sido formada em 1969, e comunidades dispersas de computação reunindo cientistas e hackers tivessem brotado no final da década de 1970, para a maioria das pessoas, para os empresários e para a sociedade em geral, foi em 1995 que ela nasceu. (CASTELLS, 2003, p. 19).

Ademais, foi no início dos anos 2000, que a chamada Web 2.0 ganhou força. O termo cunhado por Tim O'Reilly em 2005, e ele explica que a Web 2.0 não tem fronteiras rígidas, mas sim um ponto gravitacional.

Como muitos conceitos importantes, o de Web 2.0 não tem fronteiras rígidas mas, pelo contrário, um centro gravitacional. Pode-se visualizar a Web 2.0 como um conjunto de princípios e práticas que interligam um verdadeiro sistema solar de sites que demonstram alguns ou todos esses princípios e que estão a distâncias variadas do centro. (O'Reilly, 2005, p.2)

Dessa forma, a Web 2.0 se refere ao "alto grau de interatividade, colaboração e produção/uso/consumo de conteúdos pelos próprios usuários", além de ser uma "plataforma dinâmica, em constante transformação gerada pelas interações entre usuários" (MARTINO, 2014, p.13) e a sua diferença com a Web 1.0 está no caráter fixo e elementos estáveis desta. Além disso, O'Reilly destaca no seu texto, a possibilidade que a Web 2.0 traz de haver um software em mais de um dispositivo, tal ideia iria aparecer mais tarde nos escritos de Jenkins, o qual ele nomeia de cultura de convergência, como já foi discutido.

Com tais avanços tecnológicos, uma nova dinâmica comunicacional começou a partir das tecnologias de informação e comunicação. Ela foi marcada por um grande fluxo de informação, a quebra da hierarquia tradicional emissor e receptor nos processos comunicativos e, principalmente, a mudança no comportamento de como consumimos e produzimos conteúdo (LIMA JUNIOR, 2009, p.95).

A partir dessa reflexão a respeito da quebra de hierarquia, Jenkins, coloca sobre a flexibilização dos papéis separados de produtores e consumidores de conteúdo. De acordo com ele, agora "podemos agora considerá-los como

participantes interagindo de acordo com um novo conjunto de regras, que nenhum de nós entende por completo." (JENKINS, 2012, p. 30). Assim, é importante destacar também sobre a importância da informação, uma vez que "os procedimentos de produção e distribuição noticiosa, no ambiente de redes telemáticas, não pertencem somente às empresas de comunicação e aos profissionais de jornalismo. As notícias, na mídia digital conectada, transformaram-se num bem social" (JUNIOR, 2009, p.96).

Atualmente, a Internet é usada como ferramenta, e está conectada em diversas áreas da nossa vida, desde o trabalho, até a vida social e família, assim a Internet foi "apropriada pela prática social" (CASTELLS, 2003, p.98), em uma dinâmica em que uma pode influenciar a outra.

Quanto aos padrões sociais, Castells aponta duas visões como as principais consequências da internet nesse quesito. Por um lado, acredita-se que ela acarretou em novos padrões de relações sociais e formas de interações humanas, por outro, reportagens e estudos apontam que a emergência da internet favoreceu o isolamento social, uma vez que ela pode ser uma forma de viver fantasias de modo online e fugir da realidade (CASTELLS, 2003, p.98).

No entanto, frente a esses pontos, Castells aposta na superficialidade do debate, se baseando em três pontos. O primeiro seria que o debate foi baseado em um número limitado de experiências, de forma a enviesar o seu resultado. O segundo se refere a falta de pesquisas empíricas sobre o uso da internet, e por fim o autor argumenta que esse debate se estabeleceu de maneira simplista, podendo até ter fortalecido de maneira enganosa, "na imaginação popular, ao estereótipo do nerd" (CASTELLS, 2003, p.98). Assim, como Sherry Turkle fala sobre a discussão

a noção do real resiste. As pessoas que vivem vidas paralelas na tela são, não obstante, limitadas pelos desejos, a dor e a mortalidade de suas pessoas físicas. As comunidades virtuais oferecem um novo contexto alegórico em que se pensar sobre a identidade humana na era da Internet (TURKLE, 1995, p.256 apud CASTELLS, 2003, p.100)

2.3 A comunicação na criação e manutenção de comunidades

Como Luís Mauro Sá Martino coloca, as mídias digitais permitiram o desenvolvimento de uma cultura participatória, a qual ele define como aquela que permite "Potencialidade de qualquer indivíduo se tornar um produtor de cultura, seja

recriando conteúdos já existentes, seja produzindo conteúdos inéditos" (MARTINO, 2014, p.11). Nesse contexto, há também o surgimento das comunidades virtuais. Quando falamos de comunidades virtuais, surge um debate acerca da conotação do termo comunidade. Por um lado, temos as comunidades residenciais, que se formam territorialmente, como é o caso em sociedades agrícolas. Embora essas comunidades ainda existam, elas possuem menor relevância atualmente na estruturação de relações sociais (CASTELLS, 2003, p.106). Por outro lado, temos as comunidades virtuais que a Internet possibilitou, na qual há escolhas quanto aos seus indivíduos e grupos sociais, especialmente quando pensamos que "Comunidades são redes de laços interpessoais que proporcionam sociabilidade, apoio, informação, um senso de integração e identidade social" (WELLMAN, 2001, p.1 apud CASTELLS, 2003, p.107).

O individualismo também está presente nesse cenário, uma vez que é a partir dos nossos interesses e valores que escolhemos e estabelecemos nossas interações sociais, tanto dentro como fora da Internet. Castells ainda destaca que pelo caráter flexível da Internet, e seu poder de comunicação, a sua relevância cresce. Assim, "As redes on-line, quando se estabilizam em sua prática, podem formar comunidades, comunidades virtuais, diferentes das físicas, mas não necessariamente menos intensas ou menos eficazes na criação de laços e na mobilização" (CASTELLS, 2003, p.109).

Além disso, o impacto da cultura da convergência também pode ser visto aqui, especialmente na nossa relação com os meios de comunicação, uma vez que ela "impacta o modo como consumimos esses meios". Assim, é importante notar que

A convergência está ocorrendo dentro dos mesmos aparelhos, dentro das mesmas franquias, dentro das mesmas empresas, dentro do cérebro do consumidor e dentro dos mesmos grupos de fãs. A convergência envolve uma transformação tanto na forma de consumir quanto na forma de consumir os meios de comunicação" (JENKINS, 2003, p. 44)

No entanto, as aproximações de indivíduos que a Internet permite também criam comunidades virtuais que compartilham de ideais polêmicos, de forma que

Movimentos sociais de todo tipo, de grupos ambientalistas a ideologias extremistas de direita (p. ex., nazismo, racismo), tiraram proveito da flexibilidade da Net para divulgar suas idéias e articular-se através do país e do globo. O mundo social da Internet é tão diverso e contraditório quanto a própria sociedade. (CASTELLS, 2003, p.48)

As comunidades online tiveram origem de modo similar aos movimentos de contracultura da década de 1960; dessa forma, a comunicação pública com estratégias de comunicação da sociedade civil organizada pode ser destacada. Como já mencionado anteriormente, ela é desenvolvida pelo terceiro setor e movimentos sociais, também é chamada de comunicação comunitária/ alternativa e ela acredita que a comunicação voltada para responsabilidades públicas é de todos (BRANDÃO, 2007, p.7).

Brandão também destaca o acesso aos meios de comunicação como uma das principais reivindicações dos movimentos sociais atuais. De acordo com a autora, "Significa que as comunidades organizadas querem se apropriar dessas tecnologias para estabelecer sua própria maneira de informar, de estabelecer uma comunicação que leve em conta as prioridades, a estética e a linguagem dessas populações" (BRANDÃO, 2007, p.7). Assim, intensificando ainda mais a importância das tecnologias e a relação entre a comunicação digital e pública.

É interessante também analisar o impacto social de movimentos sociais. Stuart Hall coloca os movimentos sociais que começaram nos anos de 1960 - em especial o feminismo - como o quinto, e última das "rupturas nos discursos do conhecimento moderno", de forma que ele destaca, no total "*cinco* grandes avanços na teoria social e nas ciências humanas ocorridos no pensamento" (HALL, 2011, p.22). Hall chama esses avanços de deslocamentos.

Foi a partir do feminismo que "o sujeito pode ser questionado no interior de uma grande multiplicidade de posições sociais que, como vimos, correspondem a novas instâncias de representações e, conseqüentemente, de identidade" (RAMOS DA SILVA, 2015, p.148). Dessa forma, foi possível que movimentos sociais não só ganhassem força, mas se articulassem. Assim, também foi possível começar a formar uma visão plural e fragmentada do indivíduo, e questões e movimentos passaram a ser levantados, como a questão da sexualidade para o movimento LGBT e lutas raciais, como o movimento de militância negra e, posteriormente, a asiática.

Com o começo desses movimentos vale destacar que "cada movimento apelava para a *identidade social* de seus sustentadores [...] Isso constitui o nascimento histórico do que veio a ser conhecido como a *política de identidade* - uma identidade para cada movimento" (HALL, 2011, p.22). Essa ação é importante, uma vez que há

a fragmentação do indivíduo, no qual ele passa a se entender de outro modo. Por fim, como Hall coloca

Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Essas transformações estão também mudando nossas identidades como sujeitos integrados. (HALL, 2011, p.10)

A repercussão disso pode ser vista nos dias atuais, sendo refletido em diversos movimentos, inclusive o movimento amarelo. A fragmentação que Hall coloca, permite que o indivíduo se encontre em diversos grupos, que eventualmente, ajudarão a constituir a sua identidade. Com esse discurso, é possível entender melhor o movimento amarelo, uma vez que a identificação com o movimento reflete na sua identidade, gerando reconhecimento entre o indivíduo e a comunidade, assim como seus valores, ideias e principalmente, lutas, como veremos nos capítulos a seguir como a comunidade amarela reagiu ganhou destaque frente as agressões sofridas pela pandemia.

3. Análise das discussões no Twitter

A pandemia de COVID-19 trouxe grande repercussão e informações, nem sempre verificadas, circularam nas redes sociais. O período está sendo marcado por um grande fluxo de *fake news*, que não se restringe a apenas uma rede, dessa forma, muitas informações são proliferadas por redes como WhatsApp e Telegram, e se refletem nas demais, como o Twitter.

O aplicativo de mensagens Telegram tornou-se o principal canal de disseminação das notícias, uma vez que não possui medidas para restringir a divulgação de informações falsas, como o WhatsApp e seus grupos podem chegar a até 200 mil membros. As *fake news* tem seu tema ao redor da vacina e o vírus, sendo discutido tópicos como passaporte sanitário, que por vezes é comparada ao holocausto e apartheid, e a conspiração de que a vacina teria sido criada em laboratório chinês, como uma guerra biológica (DIPLOMATIQUE, 2021).

No entanto, essas narrativas se propagam em outras redes, como é o caso do Twitter. Ainda de acordo com a pesquisa da #Digital2021, o Twitter é a sexta plataforma de rede social mais usada no Brasil com 51,6% dos usuários de 16 a 64 anos sendo usuários da plataforma. Um estudo produzido pela companhia de inteligência de mídia Oros em parceria com a F451, analisou mais de 111 mil posts no Twitter e o resultado foi que as postagens de perfis de direita representam 70,44% da atividade na rede social nos últimos seis meses sobre o debate da China.

O Twitter ainda possibilita que qualquer usuário possa interagir com outro, desde que as contas não sejam privadas, tanto por meio de curtidas e retweets até por meio de comentários, nos quais debates podem ser gerados. Assim, é possível que usuários também acompanhem as discussões realizadas na plataforma, além das falas não serem extensas, uma vez que um tweet tem a limitação de 280 caracteres.

Além disso, figuras e entidades públicas também utilizam a rede social, de forma que é possível que haja comunicação pública nesse meio. Políticos e órgãos do governo, por exemplo, são usuárias da rede e se expressam, se posicionam e propagam informações por meio da rede. Neste trabalho, vamos analisar dois perfis em especial: o perfil da embaixada da China no Brasil (@EmbaixadaChina) e o do deputado Eduardo Bolsonaro (@BolsonaroSP), focando em posts referentes à pandemia. A escolha foi feita levando em consideração o posicionamento dos perfis

quanto à pandemia e como isso poderá afetar a percepção da população sobre pessoas amarelas. Por fim, além desses perfis, também foram selecionados tweets de terceiros com o intuito de contextualização das discussões que ocorriam na rede social, totalizando tweets feitos de março de 2020 até outubro de 2021

3.1 Contexto

Ataques de cunho xenofóbicos contra a comunidade asiática cresceram com a pandemia de COVID-19 no mundo inteiro, só nos Estados Unidos, os ataques aumentaram 150% durante a pandemia, de acordo com o Centro para o Estado de Ódio e Extremismo do país. No Brasil não foi diferente e diversos relatos de ataques a pessoas asiáticas circularam nas redes sociais e variam desde ataques no transporte público, até edifícios comerciais pedindo para os "irmãos chineses" usarem um elevador privativo.

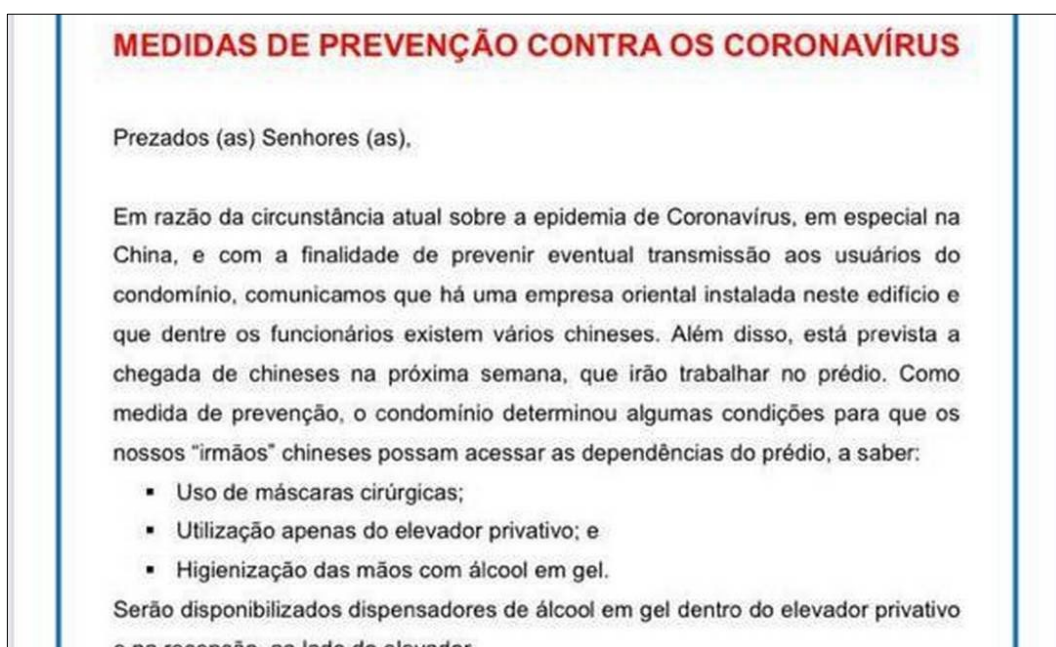


Figura 3 - Aviso pregado em prédio comercial na Berrini, em São Paulo
Fonte: O Globo

Além disso, frases como "Ai, miga sai com esse coronavírus daqui", como a ouvida pela atriz amarela Ana Hikari, durante uma festa pré-carnaval em São Paulo em 2020 (UOL, 2020), passam ser ditas com mais frequência. Além disso, hostilidade em lugares públicos, como o metrô, também ganham relatos. Nesse cenário, o Ibrachina (Instituto Sociocultural Brasil-China) criou o #RacismoNão, uma rede de

denúncia que pretende reunir os relatos e entregá-los para autoridades, sendo possível ainda mandar vídeos ou fotos documentando o ocorrido. Sobre isso o presidente do Ibrachina, Thomas Law declarou que o Instituto recebe "mais de 200 denúncias. Mesmo sendo brasileiros, também recebemos ataques de conteúdo preconceituoso diariamente em nossas redes sociais. Em nosso monitoramento, há indicativos de que este tipo de manifestação pode passar dos 300 mil casos desde janeiro de 2020".

Mesmo com o aumento de ataques, é importante destacar que este não é um momento histórico isolado, como foi discutido, os discursos racistas têm sido feitos desde a chegada dos imigrantes asiáticos ao país, além de trazer também o "perigo amarelo", reforçando ainda mais a ideia de que "A maleabilidade desse medo está intrinsecamente ligada à mutabilidade do cenário político e econômico internacional e à vulnerabilidade dos poderes hegemônicos a mudanças no status quo" (SHIMABUKO, 2017).

A ascensão da figura de Jair Bolsonaro na corrida presidencial de 2018, reforçou ainda mais esses estereótipos e pré-conceitos. Ao longo dos anos, o atual presidente da república acumula falas preconceituosas, atacando indígenas, mulheres, LGBTs, negros e japoneses (FOLHA, 2020).

Além disso, é importante destacar que os ataques não foram exclusivos no âmbito físico. Isso acontece, pois, a internet "É uma extensão da vida como ela é, em todas as suas dimensões e sob todas as suas modalidades." (CASTELLS, 2003, p.100), essas ações aconteceram também no ambiente virtual, difundindo, inclusive por redes como o Twitter, pensamentos preconceituosos e racistas.

Dentre os comentários, destaca-se a onda de tweets de cunho antivacina, firmadas por declarações polêmicas do presidente Jair Bolsonaro. Ao longo da pandemia, o presidente expressou abertamente as suas dúvidas quanto às vacinas que foram desenvolvidas contra o coronavírus. Em uma entrevista publicada pela BBC News Brasil, Laurent-Henri Vignaud, autor do livro *Antivax - Resistência às vacinas do século 18 aos dias de hoje* e professor da Universidade de Borgogne afirma que "É possível que o presidente Bolsonaro seja um exemplo único. Eu não saberia citar outro líder espontaneamente. É uma situação excepcional, infelizmente para os brasileiros".

O posicionamento do presidente gerou polêmicas, levando a um atrito entre o governo federal e estadual, especialmente entre o presidente Bolsonaro e o

governador do estado de São Paulo, João Dória. O governador, contrário ao presidente, promoveu a vacinação abertamente, chegando até a declarar, no dia 7 de setembro de 2021, que era a favor do impeachment do atual presidente.



Figura 4 - Matéria sobre vacinas
Fonte: Folha de S. Paulo

Com uma das principais vacinas oferecidas por Dória, a AstraZeneca, tendo o seu princípio ativo produzido pela empresa chinesa WuXi Biologics, os apoiadores do presidente, assim como o próprio, não a receberam positivamente. No mundo virtual, o conflito resultou na expressão "vachina", que junta as palavras vacina + China, muito usada por usuários que compactuam com os ideais do presidente, como forma de desvalorizar o avanço científico e desenvolvimento das vacinas, defendidos por Dória.



Figura 5 - Parte 1: Dória e a "Vachina"
Fonte: Twitter

O posicionamento de Dória ainda fez com que ele fosse associado não apenas à vacina, mas também ao governo chinês, que não é bem visto por parte da população. Assim como aconteceu com o medo que o imperialismo japonês se estendesse pelo Brasil, após a guerra da Manchúria, a ameaça encontrada na figura da pessoa amarela aparece novamente, dessa vez pelo medo de um domínio do governo chinês sob o Brasil.



Figura 6 - Parte 2: Dória e a "Vachina"
Fonte: Twitter

O tweet acima expressa essa ameaça em suas últimas frases, alegando que se o Dória fosse presidente, por defender as vacinas produzidas na China, estaria entregando parte do Brasil para o controle chinês, terminando o seu pensamento com "Enfim, Brasil seria uma província Chinesa e estaríamos falando Mandarin". Os comentários relacionando o Dória com a "vachina" não se limitam apenas em tweets de conteúdo político, mas se manifestam em qualquer campo relacionado às vacinas, como mostra o tweet abaixo.



Figura 7 - Tweet 4 - Parte 3: Dória e a "Vachina"
Fonte: Twitter

Daniela Fernandes, da BBC News Brasil, aponta as eleições presidenciais de 2022 como um motivo para tal polarização ao perguntar sobre o assunto a Vignaud. Diante dessa pergunta, o especialista responde que "Não é raro politizar. Países podem declarar que preferem tal vacina de certo país. A concorrência entre vacinas de diferentes países é algo frequente. O que é raro é que isso resulte em um verdadeiro discurso contra a vacina por parte do presidente." Dessa forma, a politização da vacina contribui para a polarização política entre a esquerda liberal e a direita conservadora, que já se manifestava fortemente nos últimos anos, tornando-se um instrumento político.

3.2 @EmbaixadaChina



Figura 8 - Perfil da Embaixada da China no Brasil no Twitter
Fonte: Twitter

O perfil do Twitter da Embaixada da China no Brasil ingressou no Twitter em maio de 2018, acumulando cerca de 91,2 mil seguidores com cerca de 3.000 tweets. Dentre eles, a @EmbaixadaChina publica conteúdos não apenas na questão política internacional, promove a cultura chinesa e realiza atualizações sobre a pandemia por meio de tweets e retweets.

O perfil ainda chegou a responder tweets publicados por internautas da rede. Como a imagem abaixo mostra, a @EmbaixadaChina, responde a um tweet da @jana_radarchina recomendando um livro chinês e compartilhando ainda um terceiro tweet do Diário do Povo (@DiarioPovo). O tweet ainda é um bom exemplo para a etapa de relacionamento descrita por Haswani, uma vez que ele evidencia o estabelecimento de troca entre a entidade política e um indivíduo e promove a oportunidade que as partes envolvidas têm de conhecimento recíproco (HASWANI, 2010, p.94)



Figura 9: Recomendações culturais da @EmbaixadaChina
Fonte: Twitter

Quanto ao compartilhamento de atualizações de notícias atuais, especialmente quanto à pandemia de COVID-19. É importante destacar que é comum encontrar referências e links para artigos em tweets do gênero, como foi o caso do tweet feito de outubro de 2020, o qual declarava que a China conseguiu controlar a pandemia de COVID-19 e tinha como fonte a revista Lancet, considerada uma das revistas mais importantes na área médica atualmente. "Ela tem um peso maior, pois nasceu com a vocação de informar e reformar, lidando com questões ligadas à saúde coletiva" foi o que o economista e professor José Eli da Veiga.



Figura 10 - Atualizações da pandemia por @EmbaixadaChina
Fonte: Twitter

Como mencionado anteriormente, a pandemia de COVID-19 trouxe polêmicas, além de expor ações preconceituosas contra pessoas amarelas no Brasil e no mundo, uma vez que se acredita que o vírus tem sua origem na cidade de Wuhan, na China. Visto que a internet "É uma extensão da vida como ela é, em todas as suas dimensões e sob todas as suas modalidades." (CASTELLS, 2003, p.100), essas ações aconteceram também no ambiente virtual, difundindo, inclusive por redes como o Twitter, pensamentos preconceituosos e racistas.

Com os ataques recorrentes, a Embaixada da China passa a incorporar no seu repertório de tweets posicionamentos e comentários diretos relacionados aos ataques.



Figura 11 - @EmbaixadaChina sobre a politização da ciência

Fonte: Twitter

No tweet acima, o perfil faz uso de uma charge para defender que a origem do vírus de COVID-19 não deve ser politizada. O tweet foi resposta para os ataques já mencionados, que responsabilizavam a China pelo surgimento do vírus, alguns chegando até a sugerir que o país teria se desenvolvido como uma arma biológica. O resultado disso foram os diversos ataques e assédios que pessoas amarelas, especialmente chineses e seus descendentes sofreram em decorrência de pensamentos equivocados a respeito do vírus.

É interessante pontuar também que os estereótipos reforçados nesse tipo de fala remetem a ideias ultrapassadas, sendo traçadas ao início da imigração chinesa para o Brasil. Em especial a ideia da higiene precária que os chineses supostamente teriam (DEZEM, 2005), a qual sobreviveu no imaginário brasileiro até os dias atuais e foi reforçado pelo coronavírus, uma vez que especulações que o vírus teria surgido de um morcego já foram o bastante para piadas e comentários preconceituosos a respeito dos hábitos alimentares e higiene dos chineses. No livro *Vozes Consoantes: comunicação e cultura em tempos de pandemia*, publicado em 2020, Igor Sacramento escreve:

Quando os cidadãos comuns são levados a ver uma ameaça como sendo estrangeira (no caso, chinesa), isso pode levar a uma não ação ou prevenção, aumentando a resistência e a discriminação a um determinado grupo étnico. Então a ideia do vírus chinês, por um lado, localiza a responsabilidade pela pandemia ao país e a seu povo por seus hábitos de alimentação e higiene; por outro, expande-se a sensação de ameaça de globalização do comunismo e se beneficia disso como forma de manutenção do vínculo ideológico dos apoiadores de governos ultraconservadores, como os de Bolsonaro e Trump. (SACRAMENTO, 2020 p.128)

Tais tweets foram produzidos ao longo de 2020 e 2021, mas uma thread de tweets feita no dia 27 de março de 2020, 10 dias depois da primeira morte registrada por COVID-19 no Brasil e 3 dias depois do governo de São Paulo, uma das principais capitais do país, anunciar a medida de quarentena, a conta de Twitter da Embaixada da China produz uma thread. O post inicial, do qual os demais se desdobram, anexa uma carta aberta à sociedade brasileira da Embaixada da China, intitulada "Salvaguardar em conjunto o desenvolvimento saudável e estável das relações sino-brasileiros", como mostra a imagem abaixo.



Figura 12 - Parte 1: Carta aberta à sociedade brasileira da embaixada da China
Fonte: Twitter

Ao longo dos 14 tweets que se seguem, a Embaixada atualiza e informa o público sobre a situação da pandemia na China e no mundo, de forma a destacar, principalmente os esforços que a China está fazendo não só para controlar a pandemia em território Chinês, mas também em um cenário internacional, chegando a até oferecer assistência para o Brasil.



Figura 13 - Parte 2: Carta aberta à sociedade brasileira da embaixada da China
Fonte: Twitter

Nesta série de posts, a Embaixada da China ainda se pronuncia sobre os comentários preconceituosos que surgiram em decorrência do vírus. Nos posts seguintes, a Embaixada destaca a falta de embasamento científicos de tais comentários, afirmando que eles "incitaram a xenofobia e racismo e até espalharam ódio" (EMBAIXADA DA CHINA, 2020), tal pensamento também se reflete na fala de Thomas Law, como ele coloca "Qualquer pessoa que manifesta abertamente um pensamento racista ou xenofóbico estimula outras pessoas que pensam da mesma forma a se manifestarem. Quanto maior o grau de influência dessa pessoa, maior a repercussão de suas atitudes" (LAW, 2021).

Além disso, os tweets ainda expressam claramente o repúdio da Embaixada quanto aos tweets preconceituosos e falam sobre a possível consequência deles para a relação sino-brasileira. Por fim, a Embaixada finaliza ressaltando a importância da parceria, em especial a parceria comercial entre os dois países.



Figura 14 - Parte 3: Carta aberta à sociedade brasileira da embaixada da China
Fonte: Twitter

Por fim, a Embaixada finaliza ressaltando a importância da parceria, em especial a parceria comercial entre os dois países. Essa mensagem ainda é reforçada em outros posts feito pelo perfil, não só por meio de posts autorais, mas também por meio de retweets, ou seja, quando o perfil compartilha o tweet publicado por outra conta.



Figura 15 - Retweet do embaixador da China
Fonte: Twitter

Um exemplo disso é a figura 15, um tweet no qual o @EmbaixadaChina realizou um retweet de um tweet feito por Yang Wanming, o atual embaixador da China no Brasil. No tweet publicado em janeiro de 2021, o embaixador compartilha uma publicação do próprio presidente Bolsonaro, no qual ele dá atualizações sobre os insumos da vacina AstraZeneca e a Coronavac, vacina produzida pelo Instituto Butantã, que são produzidos por empresas chinesas. O conteúdo do retweet traz a ideia de união entre China e Brasil na luta contra a pandemia, destacando valores como a união e a solidariedade entre os dois países. No post, Wanming enfatiza a parceria entre a China e o Brasil, sendo interessante perceber os valores e ideias que o embaixador, enquanto figura política, destaca em suas declarações. Por fim, também é válida a reflexão da motivação por trás do compartilhamento deste tweet, e tudo que ele carrega, pelo perfil da Embaixada da China.

3.3 @BolsonaroSP



Figura 16 - Perfil de Eduardo Bolsonaro no Twitter
Fonte: Twitter

Eduardo Bolsonaro ingressou no Twitter em setembro de 2009, nesses mais de 10 anos presente na rede, o deputado acumula 2,1 mil seguidores e mais de 29 mil tweets. O perfil é verificado pela rede social, e na sua bio o deputado coloca uma breve descrição, apontando a sua ocupação como deputado federal por São Paulo, sendo o deputado federal mais votado da história, com 1,84 milhões de votos nas eleições de 2018, até então o recorde era de Enéas Carneiro, com 1,57 milhões de votos nas eleições de 2002 (AGÊNCIA CÂMARA DE NOTÍCIAS, 2020). É importante destacar também a ligação entre Eduardo e o atual presidente da república, Jair Bolsonaro, que além de ser seu pai, ainda compartilham ideais, e consequência, críticas. A conexão não é suavizada, como é possível perceber pelo elemento colocado por Eduardo em sua bio, se descrevendo como "3º filho de Jair Bolsonaro". Por fim, vale apontar também que Eduardo ainda é o presidente da Comissão de Defesa e Relações Exteriores da Câmara de Deputados do Brasil, cuja função é debater sobre assuntos externos dentro da Câmara dos Deputados.

Ao analisar o perfil de Eduardo, sendo não apenas uma figura pública, mas também um deputado federal, é importante compreender a comunicação pública como "um processo comunicativo das instâncias da sociedade que trabalham com a informação voltada para a cidadania" (BRANDÃO, 2007, p.5), assim é importante

ressaltar o papel da comunicação pública para levar informação à sua população para haver a comunicação, relacionamento, a participação e o compartilhamento que Haswani (2010) descreve. Assim, destaco que a família Bolsonaro é abertamente antivacina e ao longo do ano passado, fez declarações diminuindo o impacto do COVID-19, em uma época em que estudos ainda eram feitos sobre o vírus e a vacina ainda estava em desenvolvimento.

Em um pronunciamento nacional em março de 2020, o presidente declarou:

"No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico, daquela conhecida televisão" (BOLSONARO, 2020)

O caso repercutiu pelas redes sociais, gerando memes e comentários zombando do "histórico de atleta" do presidente além de criticar o comportamento do presidente ao chamar um vírus, que atingiu o marco de 100 mil mortes no Brasil apenas 5 meses após a primeira morte (CNN, 2020), de uma "gripezinha".



Figura 17 - Parte 1: Histórico de atleta
Fonte: Twitter

O retweet apresentado na figura 17 foi feito por uma internauta em 24 de junho de 2020, três meses após a declaração do presidente, é composto por dois momentos, ambos fazendo referência a polêmica fala do presidente. O tweet original, reporta o marco de 100 mil mortos por COVID-19 na América latina, terminando a notícia de forma irônica, garantindo ao leitor que não é necessário se preocupar com o vírus, uma vez que é apenas uma "gripezinha", fazendo referência a fala do presidente do

Brasil. Já a internauta comenta em seu retweet, com o mesmo tom sarcástico, dando a entender que ela não precisaria se preocupar com o vírus, uma vez que ela teria o "histórico de atleta".

Em março de 2021, um ano após a declaração do presidente, Eduardo ainda faz menção ao acontecimento.

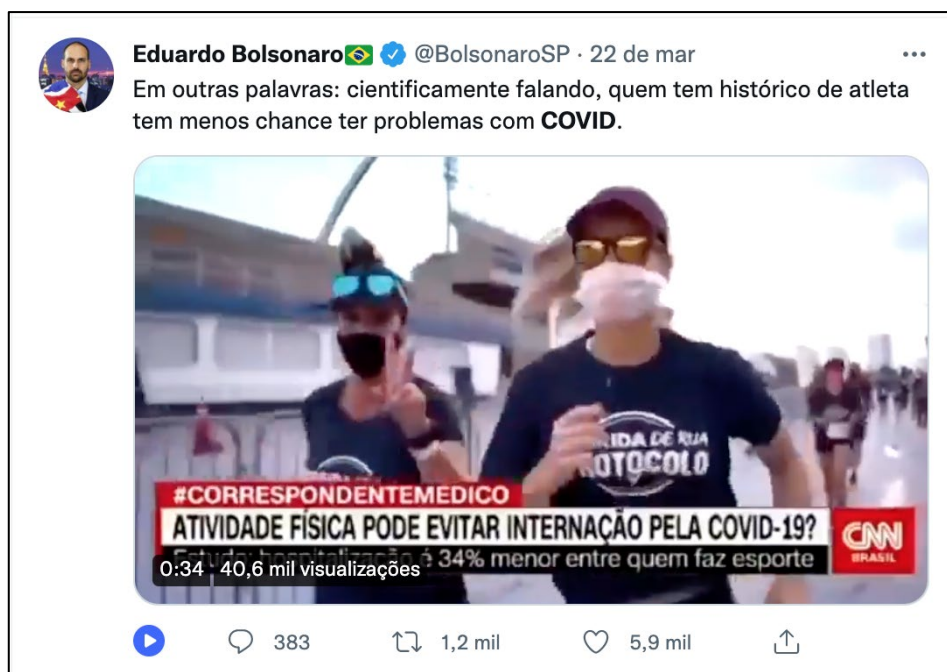


Figura 18 - Parte 2: Histórico de atleta
Fonte: Twitter

No tweet da figura 18, o deputado utiliza uma reportagem da CNN com o título "Atividade física pode evitar internação pela COVID-19?", para justificar a fala de seu pai. No entanto, o título termina em um questionamento, e não em uma afirmação, além disso, a pesquisa a qual a reportagem da CNN se refere, foi publicada pela FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo). A pesquisa aponta que

a prevalência de hospitalização pela doença foi 34,3% menor entre os voluntários considerados "suficientemente ativos", ou seja, aqueles que antes da pandemia praticavam semanalmente ao menos 150 minutos de atividade física aeróbica de intensidade moderada ou 75 minutos de alta intensidade. (TOLEDO, 2020)

Dessa forma, ela deixa claro que o risco é menor, e não inexistente, como foi afirmado inicialmente pelo presidente. Assim, Eduardo pega apenas o termo forte da

fala e muda a sua narrativa. Em conclusão, é interessante comparar como Jair coloca em março de 2020 que "No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria" (BOLSONARO, 2020), um ano depois, Eduardo publica o tweet declarando: "Em outras palavras: cientificamente falando, quem tem histórico de atleta tem menos chance ter problemas com COVID" (BOLSONARO, 2021). Nesse caso, Eduardo cruza e dá contexto ao dado fornecido pela pesquisa para propagar uma informação de seu interesse.

Outra polêmica que a família Bolsonaro se envolveu foi em relação à hidroxicloroquina, parte do chamado "tratamento precoce" defendido pelo presidente. Jair Bolsonaro defendeu repetidas vezes o uso da cloroquina como forma de prevenir o coronavírus, porém sua atitude foi malvista, uma vez que não há comprovação científica da eficácia do produto contra o vírus.

Para Luiz Carlos Dias, professor do Instituto de Química da UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas), após analisar pesquisas a respeito da rotina de tratamento com a substância, "os resultados de ensaios clínicos em seres humanos para SARS-CoV-2, em diferentes estágios da infecção, não são favoráveis" (DIAS, 2020). Além disso, Michel Ryan, diretor de emergências da OMS (Organização Mundial da Saúde), declarou que "nem a cloroquina nem a hidroxicloroquina têm sido efetivas no tratamento da Covid-19 ou nas profilaxias contra a infecção pela doença. Na verdade, é o oposto".

As atitudes e falas negacionistas do presidente frente a pandemia, fizeram com que ele fosse chamado de genocida por parte da população, que acredita que se o governo tivesse tomado outras providências, o número de mortes no Brasil teria sido diferente. Essa indignação pode ser observada no tweet exposto na figura 19, na qual uma internauta questiona "Quando as pessoas irão entender a gravidade do problema?".

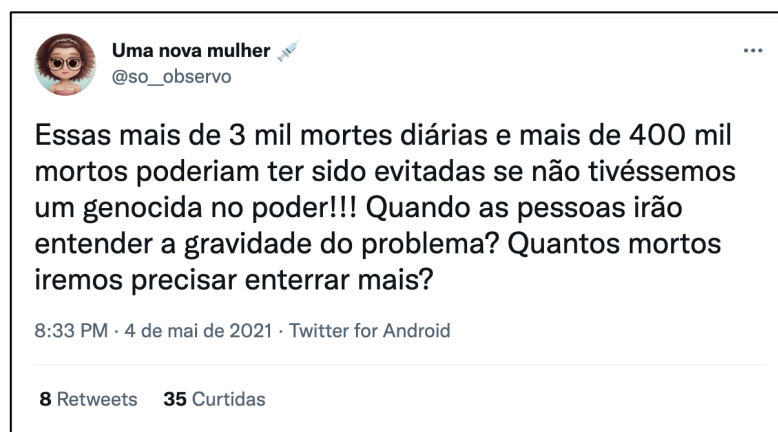


Figura 19 - Indignações no Twitter por internautas
Fonte: Twitter

As críticas e o uso das hashtags contra o governo Bolsonaro, como a #ForaBolsonaro e #BolsonaroGenocida, são refletidas nos tweets de Eduardo.

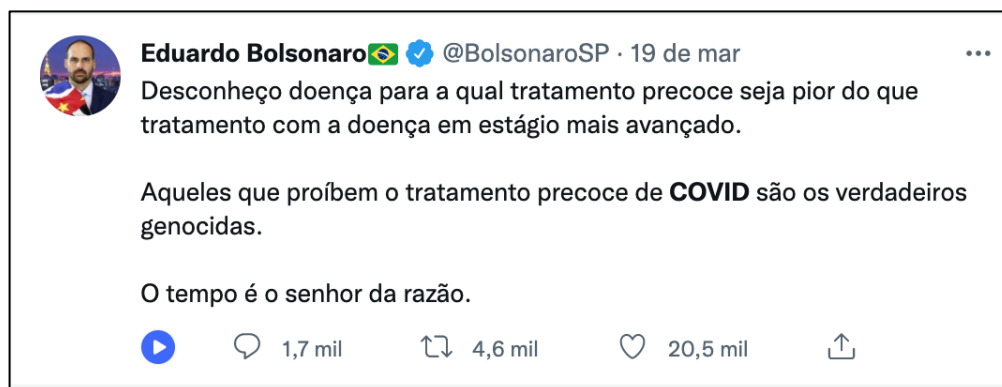


Figura 20 - Tratamento precoce
Fonte: Twitter

Na figura 20, Eduardo tenta rebater as críticas, alegando que o tratamento precoce contra COVID-19, ou seja, o uso de cloroquina, funciona. Ele afirma que "Aqueles que proíbem o tratamento precoce de COVID são os verdadeiros genocidas", assim ele defende o tratamento sem respaldo científico ao mesmo tempo que joga a culpa das mortes pelo vírus em quem não concorda com o tratamento precoce.

3.4 Comparação e atritos

Tanto Eduardo Bolsonaro, quanto a Embaixada da China no Brasil são ativos na rede social Twitter, frequentemente se manifestando e respondendo comentários sobre a situação do COVID-19 no Brasil. Porém o posicionamento das duas contas é

extremamente divergente. É possível ver a divergência claramente no em como as duas contas vinculam notícias sobre a vacina CoronaVac, como mostram as figuras 21 e 22.

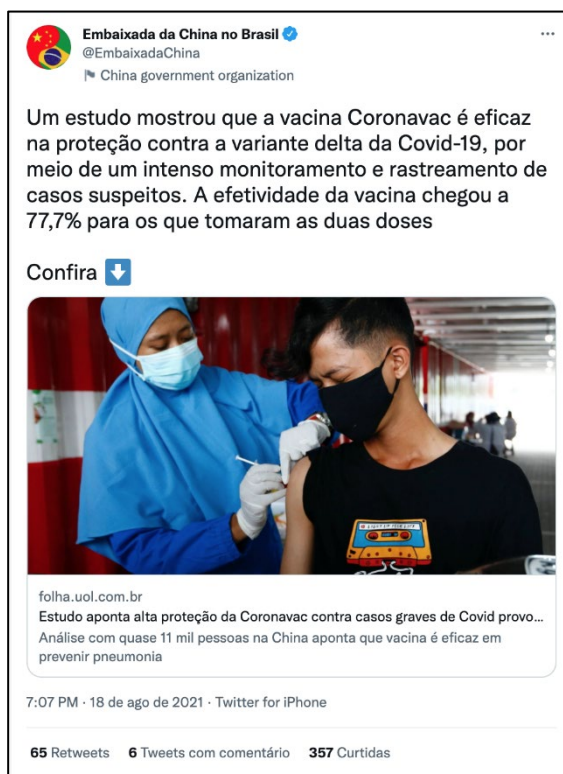


Figura 21 - @EmbaixadaChina sobre eficácia da vacina
Fonte: Twitter



Figura 22 - @BolsonaroSP sobre a eficácia da vacina
Fonte: Twitter

Como os tweets foram feitos em momentos diferentes, cada um faz referência a pesquisa que saiu próxima a sua publicação, porém ambos estão alinhados com as pesquisas da época. Embora os dados sobre a eficácia da vacina de ambos os tweets estejam corretos, é interessante observar como cada perfil o contextualiza e transforma em informação. Primeiramente é importante entender que a CoronaVac apresenta resultados da sua eficácia dependendo do quadro de COVID-19 de seu receptor. Por exemplo, sua eficácia para casos moderados e graves é de 100%, porém apresenta uma performance menor em casos moderados e graves da doença.

No caso do tweet da @EmbaixadaChina, publicado em 18 de agosto de 2021, o dado foi retirado do estudo *Effectiveness of Inactivated COVID-19 Vaccines Against Covid-19 Pneumonia and Severe Illness Caused by the B.1.617.2 (Delta) Variant: Evidence from an Outbreak in Guangdong, China*, enviado para a revista científica The Lancet. O resultado do estudo conclui que as vacinas de vírus inativado, como a CoronaVac, apresentam proteção entre 69,5% até 77,7% contra pneumonia causada pela COVID-19 frente a uma infecção da variante Delta (UOL, 2021). Além disso, o

perfil ainda deixou disponível o link da notícia do jornal Folha de S. Paulo, que embasa o seu tweet.

Por sua vez, o tweet do @BolsonaroSP, publicado em 12 de janeiro de 2021, utilizou o estudo disponível na época, que mostrava que a eficácia da CoronaVac para casos sintomáticos era de 50,38%, com base nos dados iniciais do estudo clínico de fase 3. Entretanto, o deputado não deixa o link ou menção a pesquisas ou notícias, utilizando uma imagem com apenas o título de uma matéria feita pela Conexão Política. Em uma coluna de opinião escrita para o site O Globo, Daniela Abade comenta sobre o começo do site como "um perfil no Twitter cada vez mais popular entre a direita e extrema-direita e que publica regularmente um material, no mínimo, irresponsável", e que hoje é visto frequentemente com seus "títulos que chama a atenção, textos rasos - ou inexistentes" (ABADE, 2019) pelos perfis das redes sociais da família Bolsonaro.

Ademais, o texto que Eduardo escreve no tweet chama a atenção. A comunicação realizada por ele não tem o intuito de informar a população com base científica, mas sim é usada para reforçar o embate entre forças políticas, especialmente por ser um dado referente a CoronaVac, a vacina negociada pelo adversário, João Dória. No tweet, o deputado questiona a necessidade de serem aplicadas duas doses da vacina, insinuando que haveria um esquema de corrupção por parte do governo de São Paulo, liderado por Dória, uma vez que não seriam necessárias as duas doses.

Por fim, é importante destacar que por mais divergentes que os perfis sejam, eles não existem paralelamente. Como "A comunicação é hoje um ator político proeminente e é parte constituinte da formação do novo espaço público" (BRANDÃO, 2007, p. 10), discussões e declarações expressadas por uma figura política podem repercutir no cenário internacional, fora do mundo on-line. Esse foi o caso de tweets feitos por Eduardo Bolsonaro.

O primeiro caso aconteceu no dia 18 de março de 2020, no início da pandemia no Brasil. Na ocasião, Eduardo publicou um retweet que culpa a China, mais especificamente o Partido Comunista Chinês, pela pandemia de COVID-19. Assim, no seu retweet, o deputado compara a situação com o caso de Chernobyl, fazendo referência a minissérie lançada em maio de 2019, que conta sobre um dos piores acidentes nucleares da história. O que aconteceu foi que em abril de 1986, o reator de uma usina nuclear explodiu, desencadeando o acidente, que "Envolto em mistério, o desastre foi um divisor de águas tanto na Guerra Fria quanto na história da energia nuclear" (BLAKEMORE, 2019). A comparação feita por Eduardo remete a tentativa de esconder as informações do desastre por parte da União Soviética, porém por conta da proporção do desastre, o governo acabou se pronunciando dias depois do ocorrido.



Figura 23 - Tweet polêmico de @BolsonaroSP
Fonte: Twitter

Assim, no seu tweet, o deputado defende que a China seria a culpada pela pandemia, e que o governo chinês teria ocultado as informações, o que teria levado a um aumento nas mortes pelo vírus. Além disso, ao longo do seu tweet, quando faz menção ao governo chinês, Eduardo utiliza o termo "ditadura", e termina o seu tweet colocando a liberdade como a solução para o problema. Vale lembrar que alguns meses antes, em agosto de 2019, o seu pai e presidente da República, Jair Bolsonaro, havia chamado o coronel Brilhante Ustra, chefe do DOI-Codi durante a ditadura militar (1964-1985), de "herói nacional" (G1, 2019).

É importante destacar que até o momento que o tweet havia sido escrito, não havia nenhuma comprovação ou consenso sobre a origem exata do vírus. Foi apenas no final de março de 2021 que um relatório de 120 páginas, desenvolvido por cientistas da China e de outras partes do mundo, foi divulgado. O relatório aponta que a tese mais aceita é que o vírus teria passado de um morcego para um mamífero intermediário, e por fim chegou no humano, ademais a transmissão do morcego diretamente ao humano não foi descartada. No entanto, a passagem do vírus para humanos por meio do consumo de alimentos foi apontada como uma causa remota (INSTITUTO BUTANTAN, 2021).

Quanto às críticas de Eduardo sobre o encobrimento por parte do governo chinês, não foi algo isolado. Em junho de 2021, Jesse Bloom, do Fred Hutchinson Cancer Research Center, em Seattle, nos Estados Unidos, recuperou dados de sequenciamento genômico dos primeiros casos de covid-19 na China, que haviam sido deletados de uma base de dados para a pública do seu estudo *Recovery of deleted deep sequencing data sheds more light on the early Wuhan SARS-CoV-2 epidemic*. A exclusão da base foi vista por críticos como um indicativo da tentativa da China de encobrir as origens do vírus.

Infelizmente, a família Bolsonaro não é um caso pontual de políticos que expressam abertamente um discurso acusando a China sem embasamentos. O ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump defendia um discurso muito semelhante ao presidente do Brasil e seus filhos. Em uma entrevista dada à rede de TV *Fox News*, dia 3 de maio de 2020 Trump declarou: "Minha opinião é que eles cometeram um erro. Eles tentaram encobrir, tentaram apagar. É como um incêndio" (TRUMP, 2020). Junto com declarações polêmicas do seu secretário de Estado, Mike Pompeo, que afirmou que há uma "enorme quantidade de provas" de que a pandemia foi originada em um laboratório de pesquisa em Wuhan. Essas declarações chamaram a atenção, e o editor-chefe do *Global Times*, um tabloide nacionalista controlado pelo Partido Comunista Chinês, publicou um tweet criticando o governo dos EUA por fazer acusações sem apresentar provas.

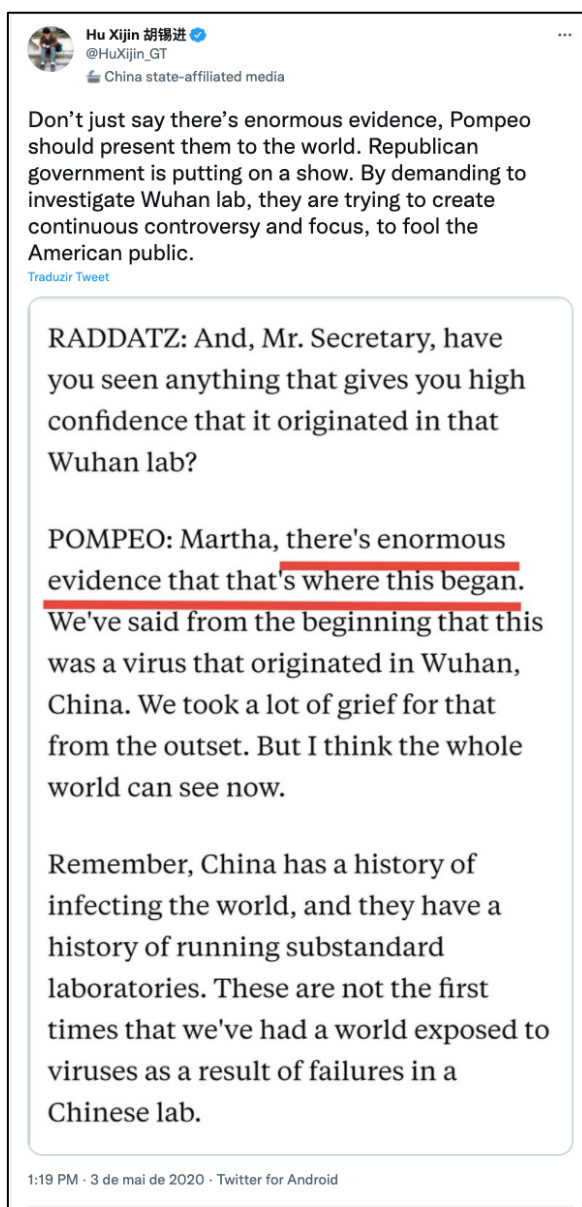


Figura 24 - Repercussões das falas de Donald Trump e Mike Pompeo
Fonte: Twitter

Assim como aconteceu com Trump, as falas de Eduardo não passaram despercebidas. No caso, o próprio perfil da Embaixada da China no Brasil (@EmbaixadaChina) respondeu diretamente o tweet em questão do deputado, como exibido pela figura 25.



Figura 25 - Parte 1: Resposta da @EmbaixadaChina
Fonte: Twitter

No tweet, também polêmico, a Embaixada condena as palavras do deputado, chamando-as de "irresponsáveis" e ainda ressalta que elas são "familiares", fazendo referência ao governo norte-americano da época, comandado por Donald Trump, que fazia comentários similares, como vimos anteriormente. É a ele também que a Embaixada se refere ao escrever sobre os "queridos amigos" de Eduardo, visto a conexão e exaltação da família Bolsonaro com os norte-americanos. Por fim, a Embaixada ainda perde o decoro ao falar do "vírus mental" que Eduardo teria contraído na sua viagem à Miami.



Figura 26 - Parte 2: Resposta da @EmbaixadaChina
Fonte: Twitter

Outra postagem feita pela Embaixada sobre o assunto, foi um tweet independente, porém marcando Eduardo Bolsonaro (@BolsonaroSP), além do Ernesto Araújo (@ernestofaraujo), ministro das Relações Exteriores do Brasil da época, Rodrigo Maia (@RodrigoMaia), presidente da Câmara de Deputados da época, além do próprio perfil da Câmara de Deputados (@camaradedeputados). Nesse tweet, a Embaixada mais uma vez critica as ações de Eduardo, e deixa a formalidade de lado ao fazer comentários como "Aconselhamos que não corra para ser o porta-voz dos EUA no Brasil, sob a pena de tropeçar feio".

O caso gerou grande repercussão, obrigando o deputado e presidente da Comissão de Defesa e Relações Exteriores da Câmara a soltar uma nota de esclarecimento sobre seus comentários no dia seguinte, dia 19 de março de 2020.



Eduardo Bolsonaro

@BolsonaroSP

NOTA OFICIAL SOBRE AS CRÍTICAS DA EMB. CHINA AO MEU RETWITE

LEIA E COMPARTILHE

Jamais ofendi o povo chinês, tal interpretação é totalmente descabida. Esclareço que compartilhei postagem que critica a atuação do governo chinês na prevenção da pandemia, principalmente no compartilhamento de informações que teriam sido úteis em escala mundial.

Estimular o debate é função do parlamentar brasileiro, tendo pra isso a prerrogativa da imunidade parlamentar (art. 53, CF) como garantia constitucional, para que deputados possam exercer tal direito.

Assim, mesmo vivendo numa democracia com ampla liberdade de imprensa e expressão, não identifiquei qualquer desconstrução dos meus argumentos por parte do embaixador chinês no Brasil. Este apenas demonstrou irritação com meu post e direcionou erroneamente suas energias no compartilhamento de posts ofensivos à honra de minha família -- este sim um fato grave e desproporcional. Porém, enxergo como positivo que tais fatos tenham trazido à tona o debate de como governos podem (e devem) tentar evitar pandemias.

Esclareço ainda que meu comportamento não tem o mínimo traço de xenofobia ou algo similar. Na comunidade médica, é bem comum que doenças sejam batizadas em referência à localidade de origem da mesma. Por exemplo, a gripe espanhola traz em seu nome o país na qual foi originada; o vírus Ebola faz referência ao rio de mesmo nome, localizado no Congo.

A comparação entre o coronavírus e a tragédia da usina nuclear de Chernobyl também não é novidade. Matérias de veículos como BBC, Financial Times, Foreign Policy, Newsweek e até mesmo das brasileiras Folha de São Paulo e Globo fazem comparações entre o ocorrido em Chernobyl e o alastramento do coronavírus, pois ambos os casos ocorreram em países cuja a liberdade de expressão e imprensa eram/são limitados pelo governo. Para citar apenas um exemplo, o governo atual da China bane plataformas como Twitter, Facebook e Whatsapp, que tem sido fundamentais no esclarecimento de dúvidas da população mundial quanto à atual pandemia.

A mutação genética de um vírus pode nascer em qualquer país, mas é obrigação das autoridades deste informar a sociedade e tomar as melhores medidas para conter seu avanço (e não agir mantendo sigilo da real condição da doença). As vidas das pessoas devem estar em primeiro lugar, acima de qualquer interesse do Estado.

Não desejamos problemas com a China e certamente, o país asiático também não busca conflitos com o Brasil. Não creio que um tweet isolado de um parlamentar levantando questionamentos sobre a conduta de um governo estrangeiro tenha condão para tanto, visto que a discussão de pautas globais é prática normal na comunidade internacional, servindo para aperfeiçoamento de políticas de governo ao redor de todo o mundo.

Não permitir que esse debate ocorra seria deliberada censura, contrariando todos os ideais de democracia do povo brasileiro. É vale lembrar que países com posições políticas distintas mantêm relações de comércio; podemos tomar como exemplo o fato de que o maior parceiro comercial da China é os EUA, enquanto o país norte-americano tem como seu 3º maior parceiro comercial o país asiático.

Jamais tive a pretensão de falar pelo governo brasileiro, mas devido a toda essa repercussão, despoje de qualquer validade ou ego, deixo aqui cristalina que minha intenção, mais uma vez, nunca foi a de ofender o povo chinês ou de ferir o bom relacionamento existente entre os nossos países. Manifesto ainda no sentido de lhes dar boas vindas ao nosso país e explicitar minha estima pela contribuição da comunidade chinesa no desenvolvimento do Brasil, terra famosa pelo seu povo acolhedor.



3:04 PM · 19 de mar de 2020 · Twitter for iPhone

5.326 Retweets 1.156 Tweets com comentário 23,1 mil Curtidas

Figura 27 - Parte 1: Nota de esclarecimento de @BolsonaroSP
Fonte: Twitter

Na nota, Eduardo tenta amenizar a situação, comentando a respeito das maiores polêmicas como a utilização por sua parte do termo "vírus chinês", ao afirmar que na comunidade médica, é bem comum que doenças sejam batizadas em referência à localidade de origem da mazela" (BOLSONARO, 2020), além da comparação com Chernobyl, onde ele afirma que já foi feito diversas vezes por veículos de notícias. Eduardo ainda reforça a importância da liberdade de expressão e estimula o debate, citando até a prerrogativa da imunidade parlamentar (art. 53, CF) para justificar seus comentários e a obrigação da comunicação da China para o resto do mundo sobre o vírus, afirmando que "As vidas das pessoas devem estar em primeiro lugar, acima de qualquer interesse de Estado" (BOLSONARO, 2020).

Jamais ofendi o povo chinês, tal interpretação é totalmente descabida. Esclareço que compartilhei postagem que critica a atuação do governo chinês na prevenção da pandemia, principalmente no compartilhamento de informações que teriam sido úteis em escala mundial.

Estimular o debate é função do parlamentar brasileiro, tendo pra isso a prerrogativa da imunidade parlamentar (art. 53, CF) como garantia constitucional, para que deputados possam exercer tal direito.

Assim, mesmo vivendo numa democracia com ampla liberdade de imprensa e expressão, não identifiquei qualquer desconstrução dos meus argumentos por parte do embaixador chinês no Brasil. Este apenas demonstrou irritação com meu post e direcionou erroneamente suas energias no compartilhamento de posts ofensivos à honra de minha família -- este sim um fato grave e desproporcional. Porém, enxergo como positivo que tais fatos tenham trazido à tona o debate de como governos podem (e devem) tentar evitar pandemias.

Esclareço ainda que meu comportamento não tem o mínimo traço de xenofobia ou algo similar. Na comunidade médica, é bem comum que doenças sejam batizadas em referência à localidade de origem da mazela. Por exemplo, a gripe espanhola traz em seu nome o país na qual foi originada; o vírus Ebola faz referência ao rio de mesmo nome, localizado no Congo.

A comparação entre o coronavírus e a tragédia da usina nuclear de Chernobyl também não é novidade. Matérias de veículos como BBC, Financial Times, Foreign Policy, Newsweek e até mesmo das brasileiras Folha de São Paulo e Globo fazem comparações entre o ocorrido em Chernobyl e o alastramento do coronavírus, pois ambos os casos ocorreram em países cuja a liberdade de expressão e Imprensa eram/são ilimitados pelo governo. Para citar apenas um exemplo, o governo atual da China bane plataformas como Twitter, Facebook e Whatsapp, que tem sido fundamentais no esclarecimento de dúvidas da população mundial quanto à atual pandemia.

A mutação genética de um vírus pode nascer em qualquer país, mas é obrigação das autoridades deste informar a sociedade e tomar as melhores medidas para conter seu avanço (e não agir mantendo sigilo da real condição da doença). As vidas das pessoas devem estar em primeiro lugar, acima de qualquer interesse do Estado.

Não desejamos problemas com a China e certamente, o país asiático também não busca conflitos com o Brasil. Não creio que um tweet isolado de um parlamentar levantando questionamentos sobre a conduta de um governo estrangeiro tenha condão para tanto, visto que a discussão de pautas globais é prática normal na comunidade internacional, servindo para aperfeiçoamento de políticas de governo ao redor de todo o mundo.

Não permitir que esse debate ocorra seria deliberada censura, contrariando todos os ideais de democracia do povo brasileiro. E vale lembrar que países com posições políticas distintas mantêm relações de comércio; podemos tomar como exemplo o fato de que o maior parceiro comercial da China é os EUA, enquanto o país norte-americano tem como seu 3º maior parceiro comercial o país asiático.

Jamais tive a pretensão de falar pelo governo brasileiro, mas devido a toda essa repercussão, despido de qualquer vaidade ou ego, deixo aqui cristalina que minha intenção, mais uma vez, nunca foi a de ofender o povo chinês ou de ferir o bom relacionamento existente entre os nossos países. Manifesto ainda no sentido de lhes dar boas vindas ao nosso país e explicitar minha estima pela contribuição da comunidade chinesa no desenvolvimento do Brasil, terra famosa pelo seu povo acolhedor.

Figura 28 - Parte 2 - Nota de esclarecimento de @BolsonaroSP
Fonte: Twitter

Após a postagem da nota, Eduardo concedeu uma entrevista exclusiva à CNN Brasil, na qual, quando questionado sobre o assunto, declarou: "Eu não me arrependi. Na verdade, [a nota divulgada por ele na tarde desta quinta] foi uma nota de esclarecimento e não um pedido de desculpa". (CNN, 2021)

Após analisar esses tweets, fica evidente a presença da comunicação pública, em especial no âmbito da comunicação política.

A abordagem competitiva da Comunicação Política se apóia no embate para influenciar e controlar, pela mídia, as percepções públicas dos acontecimentos políticos que estão em jogo. Passa-se, assim, da troca indeterminada de mensagens para competição explícita pelo controle das representações políticas. Nesta interação, a mídia entra em cena, tendo como papel central os aspectos cognitivos e simbólicos. (MATOS, 2006, p.69)

Dessa forma, o embate entre as narrativas e interesses entre a @EmbaixadaChina e @BolsonaroSP pode ser colocada como nessa abordagem competitiva. Como vimos, as visões conflituosas os levaram a usar dados de maneiras opostas, de maneira a favorecer os seus interesses, como visto nos tweets sobre a eficácia da vacina. Porém, quando houve um atrito direto entre elas, o conflito fica ainda mais claro, e ambos perfis tentam sobrepor seus ideais sobre o outro.

3.5 Repercussão

A repercussão do tweet de Eduardo Bolsonaro foi altamente comentada, não apenas por internautas da rede social Twitter, mas ela também teve repercussão na política internacional. No caso, o atual embaixador da China no Brasil, Yang Wanming, publicou tweets que expressam seu descontentamento com a publicação do deputado. Ainda no dia 18 de março de 2020, embaixador publica o seguinte tweet:



Figura 29 - Parte 1: Resposta de @WanmingYang
Fonte: Twitter

No post, o embaixador se refere ao tweet de Eduardo Bolsonaro ao declarar que repudia as suas palavras. O post segue com a exigência de um pedido de desculpas, o qual vimos que não chegou a ser feito por parte do deputado, e manifesta abertamente a sua indignação sobre o caso, indicando o Itamaraty e chegando até a marcar o perfil da Câmara dos Deputados. Além disso, Wanming ainda marca Ernesto Araújo e Rodrigo Maia, além do próprio Eduardo Bolsonaro.



Figura 30 - Parte 2 - Resposta de @WanmingYang
Fonte: Twitter

Ainda sobre o assunto, o embaixador publica outro tweet, indicado na figura 30, na qual sugere que a declaração do filho do presidente afetou as relações entre os dois países, terminando a publicação com a mensagem "Precisa assumir todas as suas consequências" para Eduardo.

Os comentários do embaixador foram recebidos com sentimentos diversos, porém isso não mudou o seu teor, levando outras figuras políticas a se pronunciarem durante o silêncio de Eduardo. Rodrigo Maia, o então presidente da Câmara, postou o tweet abaixo ainda na madrugada do dia 19 de março de 2020.



Figura 31 - Resposta de @RodrigoMaia
Fonte: Twitter

No tweet (figura 31), Maia se desculpa em nome da Câmara dos Deputados pelo ocorrido, marcando o embaixador Wanming Yang ao fazê-lo. No dia 19 de março de 2019, o Senado também se manifestou sobre o ocorrido, assim o vice-presidente do Senado, Antonio Anastasia enviou um ofício para a Embaixada da China se desculpando e reforçando a ideia da sólida parceria entre China e Brasil e pede que o teor da carta chegue ao presidente chinês Xi Jinping.

No entanto, Ernesto Araújo, o então ministro das Relações Exteriores, publicou o seguinte tweet da situação. No tweet, Araújo critica a ação do embaixador da China, chamando a sua ação de "inaceitável" e destacou que a fala de Eduardo Bolsonaro não reflete o posicionamento do governo brasileiro. Por fim, é válido lembrar "que o ato de 'intolerar' está diretamente relacionado à não permissão da subjetividade do outro" (FARIAS, 2019, p.107).



Figura 32 - Resposta de @ernestofaraujo
Fonte: Twitter

Além disso, não apenas figuras públicas que reagiram ao ocorrido, mas internautas da rede também se manifestaram.



Figura 33 - Parte 1: Resposta de internauta
Fonte: Twitter

Na figura 33, o usuário @Schmidtcoxa toca em vários pontos já mencionados, porém sem expressar dúvida sobre eles. Assim, no tweet publicado também no dia 19 de março de 2020, ele atribui à China, por meio de uma marcação à @EmbaixadaChina, a criação do vírus, a omissão de informações e o estabelecimento de "caos no planeta". Esse discurso está alinhado a ideias já sugeridas por Eduardo Bolsonaro, como discutido anteriormente. Além disso, ele ainda utiliza de dois tópicos muito comentados entre os apoiadores da direita brasileira que seria a crítica à rede globo, por meio da hashtag "#GloboLixo" e a menção à Venezuela.



Figura 34 - Parte 2: Resposta de internauta
Fonte: Twitter

Em contrapartida, houve também usuários que defenderam a @EmbaixadaChina, como foi o caso da @JulianaKataoka, que traz a ideia de que responder a família Bolsonaro é um equívoco, já que os dois lados teriam modos tão diferentes, que um debate seria impossível. Dessa forma, esse espetáculo da competição da comunicação política, explorada no tópico anterior, seria uma estratégia para "acobertar a incompetência deles em lidar contra o corona", uma vez que o presidente e a sua família foram alvos de críticas constantes sobre a maneira que lidaram com a pandemia desde o começo, como o caso da "gripezinha" que foi abordada anteriormente.

Tendo a repercussão do caso em vista, é interessante voltarmos para a ideia de Haswani sobre o processo da comunicação pública, pois aqui fica evidente o papel das etapas que sucedem a informação, ou seja a "cadeia evolutiva" que Haswani comenta.

Stefano Rolando coloca que a comunicação ocorre "no momento em que o receptor recebe, compreende e interpreta a informação" (ROLANDO, 2010 apud HASWANI, 2010, p.93). Esse processo é visível nesse caso, no qual a informação emitida por Eduardo Bolsonaro é recebida, compreendida e interpretada por uma série de receptores, sendo eles desde a própria embaixada da China, até internautas como @Schmidtcoxa.

Quanto ao relacionamento, resgato aqui a fala de Haswani que defende que a maior virtude do relacionamento é a reciprocidade, ou seja, o "estabelecimento de algum grau de intimidade que facilita trocas" (HASWANI, 2010, p.95). Nesse caso, é interessante refletir sobre a inserção da forte presença de mídias digitais para a comunicação pública, uma vez que um dos desafios dessa etapa é implementação e manutenção de canais desobstruídos para a comunicação.

Por sua vez, a participação também é vista no caso discutido, já que o Twitter permite que qualquer perfil responda ou publique sua opinião sobre qualquer assunto, como foi o caso dos tweets de @Schmidtcoxa e @JulianaKataoka, que ao serem comunicados do tweet de Eduardo Bolsonaro. Isso se liga ao significado do termo com a ideia de partilhar, "porém, participação não implica corresponsabilidade nem

garantia de poder de deliberação", assim ambos perfis são livres para participar se expressando sobre a situação, sem necessariamente a obrigatoriedade de haver uma deliberação envolvendo a embaixada da China ou Eduardo Bolsonaro.

Considerações Finais

Infelizmente, o preconceito contra pessoas amarelas sempre esteve presente, desde a sua chegada ao Brasil no começo do século XX. Os estereótipos e pré-conceitos ultrapassados em volta da figura do asiático amarelo se perpetuam até hoje, sendo reforçados de diversas formas, seja por microagressões até ataques que fazem apologia à violência. Dessa forma, o termo "perigo asiático" foi criado fazendo referência à ameaça que os asiáticos, em especial leste-asiáticos, representavam para o ocidente, porém ele se perpetuou e é usado como instrumento político.

Atualmente, o termo foi ressignificado sendo atrelado à luta do movimento amarelo contra o racismo, porém a ideia da Ásia como ameaça se perpetua. Isso foi observado claramente com o estouro da pandemia de COVID-19 em 2020, de forma que a possível origem do vírus foi o suficiente para desencadear reações agressivas e racistas contra pessoas amarelas ao redor do mundo. Assim, a instabilidade trazida pelo vírus, ofereceu as condições ideais para o reforço da narrativa da ameaça amarela, em especial contra a figura do chinês, cujo estereótipos pejorativos permaneceram no imaginário da população até os dias atuais (DEZEM, 2005), e foram reforçados.

Apesar da pandemia ter afetado o mundo todo, no Brasil já enfrentávamos um cenário dividido politicamente, marcado pela figura controversa de Jair Bolsonaro como presidente da República. O presidente era conhecido pelos seus discursos pouco convencionais desde sua candidatura à presidência, de forma que "sem entender o racismo, é impossível entender a chegada de Bolsonaro ao poder" (SOUZA, 2021 apud TOLENTINO, 2021). Além disso, seus filhos, muitos também ligados à política, não divergem dos ideais do pai, de forma que levou o seu terceiro filho, Eduardo Bolsonaro a fazer declarações polêmicas ao longo da pandemia, afetando até a política internacional.

Nesse cenário instável, a ameaça amarela se evidencia ainda mais como um instrumento político (SHIMABUKO, 2017). Assim, a comunicação pública torna-se fundamental, podendo reforçar ainda mais essa ideia ou desmantelá-la. Como vimos, os dois processos acontecem atualmente, de forma que perfis como @EmbaixadaChina propagam uma narrativa que vai contra a ideia da ameaça,

enquanto perfis como @BolsonaroSP, reforçam a narrativa sem apresentar embasamento em suas declarações.

Além disso, foi possível perceber como um dado pode ser início de duas discussões distintas, como foi o caso da eficácia da vacina. Dessa forma, ao pegar o dado e inseri-lo em contextos distintos, resulta em informações distintas e consequentemente, podendo ter comunicações, relacionamentos, participações e compartilhamentos distintos da mesma forma. Assim, as repercussões também serão influenciadas e as redes sociais tornam-se um local de diálogo e debate de internautas sobre os mais variados temas. Assim, a internet também é um fator importante para se analisar, uma vez que mesmo no âmbito digital "Seres humanos continuam sendo seres humanos, em toda sua paradoxal complexidade, mas conectados de uma maneira diferente a partir das mídias digitais" (MARTINO, 2014, p.10), dessa forma, a comunicação pública ainda acontece e repercute no digital. A cultura de convergência ainda fortalece esse processo, uma vez que "A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros" (JENKINS, 2012, p.30).

Ademais, a internet ainda possibilitou o surgimento de comunidades, uma vez que a internet não só tem um papel positivo na manutenção de laços fortes à distância (CASTELLS, 2003), que foi importante na pandemia por conta do distanciamento social, mas também, anterior a pandemia, o digital permitiu o desenvolvimento de uma cultura participatória (MARTINO, 2014). "Quando movimentos sociais começam a levantar questões identitárias e de minorias, outros grupos começam a se identificar. Isso é alimentado pelo lado bom das redes sociais, em que as pessoas têm mais acesso à informação e acabam se conscientizando diante do preconceito" (SAKAMOTO, 2020 apud ITO, 2020), assim as comunidades virtuais também tiveram destaque ao longo da pandemia. Um exemplo disso foi a criação da #EuNãoSouUmVírus, originário na França em resposta aos ataques que a comunidade amarela sofria, repercutiu ao redor do globo, reforçando ainda mais o aborrecimento da comunidade amarela sobre o assunto.

Em conclusão, embora o racismo e preconceito contra pessoas amarelas estejam enraizados na cultura brasileira, atualmente há o crescimento do movimento amarelo, além do debate e a crescente relevância do tema, ressaltado ainda mais pelos ataques que ocorreram ao longo da pandemia. Nesse contexto, as redes sociais

podem ser usadas como aliadas nesse processo, promovendo ainda mais o movimento, porém ainda há grande resistência vinda por parte da população, que é refletida na ascensão de políticos com discursos preconceituosos e racistas. Assim, mesmo com o longo caminho pela frente, o movimento da militância amarela ainda luta contra o preconceito, se tornando cada vez mais necessário.

Referências

1-As suas palavras são extremamente irresponsáveis e nos soam familiares. Não deixam de ser uma imitação dos seus queridos amigos. Ao voltar de Miami, contraiu, infelizmente, vírus mental, que está infectando a amizade entre os nossos povos. 18 de março de 2020. Twitter: @EmbaixadaChina. Disponível em: <<https://twitter.com/EmbaixadaChina/status/1240456558007508993?s=20>>. Acesso em: 25 de outubro de 2021.

2 momentos em que Bolsonaro chamou covid-19 de 'gripezinha', o que agora nega. BBC News Brasil, 27 de novembro de 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536>>. Acesso em: 4 de nov. de 2021.

3-Os esforços e os resultados alcançados pela China no combate são altamente reconhecidos pela comunidade internacional, pelas Nações Unidas e pela Organização Mundial da Saúde, que consideram a abordagem chinesa uma referência para o mundo. 27 de março de 2020. Twitter: @EmbaixadaChina. Disponível em: <<https://twitter.com/EmbaixadaChina/status/1243601206787952640?s=20>>. Acesso em: 25 de outubro de 2021.

8-Suas narrativas absurdas e manejo sujo ultrapassaram os limites éticos humanos e causaram influências nocivas. Tal prática não apenas difamou a China, mas também feriu o ambiente amistoso entre os dois países, além de poder manchar a imagem do Brasil no coração do povo chinês. 27 de março de 2020. Twitter: @EmbaixadaChina. Disponível em: <<https://twitter.com/EmbaixadaChina/status/1243601216069873666?s=20>>. Acesso em: 25 de outubro de 2021.

A China conseguiu controlar a pandemia da COVID-19, graças à rápida resposta e à sua cultura entre outros fatores, publicou a revista médica The Lancet. Artigo: [https://www.thelancet.com/journals/laninf/article/PIIS1473-3099\(20\)30800-8/fulltext?fbclid=IwAR12aac2Owy-qs5UXURYHzKVfdKIGC6MaCnygMyJqPu1ZHBuu8nwoR35gKg](https://www.thelancet.com/journals/laninf/article/PIIS1473-3099(20)30800-8/fulltext?fbclid=IwAR12aac2Owy-qs5UXURYHzKVfdKIGC6MaCnygMyJqPu1ZHBuu8nwoR35gKg). 13 de outubro de 2021. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/revista-the-lancet-e-a-mais-importante-na-area-de-ciencias-medicas/>>. Acesso em 25 de outubro de 2021.

A VACHINA DO DORIA NÃO IMUNIZA NEN RATO. 22 de outubro de 2021. Twitter: @MaiaFerreira17. Disponível em: <<https://twitter.com/MaiaFerreira17/status/1451684611587813376?s=20>>. Acesso em: 27 de outubro de 2021.

ABADE, Daniela. Opinião: Como nasce um embuste. O Globo, 24 de janeiro de 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/epoca/opiniaao-como-nasce-um-embuste-23397102>>. Acesso em: 5 de nov. de 2021.

AFFONSO. Julia. Executivo da Sinovac cobrou fim de ataques à China para enviar insumos de vacina. O Estado de S. Paulo, 9 de junho de 2021. Disponível em

<<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,executivo-da-sinovac-cobrou-fim-de-ataques-a-china-para-enviar-insumos-de-vacina,70003742137>>

ALBUQUERQUE, Rayanne; TEIXEIRA, Lucas Borges; SALES, Henrique. CoronaVac tem eficácia de até 77% contra casos graves da variante Delta. UOL, 18 de agosto de 2021. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/08/18/coronavac-tem-eficacia-de-ate-77-contra-casos-graves-da-variante-delta.htm>>. Acesso em: 5 de nov. de 2021.

ALVIM, Mariana. Coronavírus: como o surto está espalhando antigos preconceitos sobre a China e seus hábitos culturais. BBC News Brasil, 31 de janeiro de 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-51305487>>. Acesso em: 3 de nov. de 2021.

ARAÚJO, Ernesto. Sobre postagens recentes e a relação Brasil-China: 19 de mar. de 2020. Twitter: @ErnestoAraujo. Disponível em: <<https://twitter.com/ernestofaraujo/status/1240685730453524480?s=20>>. Acesso em: 1 de out. de 2021.

Ataques a asiáticos nos Estados Unidos aumentaram 150% durante a pandemia. CNN Brasil, 19 de março de 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/ataques-a-asiaticos-nos-estados-unidos-aumentaram-150-durante-a-pandemia/>>. Acesso em: 10 de outubro de 2021.

BENITES, Afonso. Esforço de Eduardo Bolsonaro para demonizar China copia Trump e ameaça elo estratégico do Brasil. El País, 19 de mar. de 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-03-19/esforco-de-eduardo-bolsonaro-para-demonizar-china-copia-trump-e-ameaca-elo-estrategico-do-brasil.html>>. Acesso em: 13 de nov. de 2021.

BERTOLOZZI, Thayla Bicalho. #StopAsianHate: ser asiático no Brasil é como nos EUA? Jornal Nexo, 08 de junho de 2021. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2021/StopAsianHate-ser-asi%C3%A1tico-no-Brasil-%C3%A9-como-nos-EUA>>. Acesso em: 9 de nov. de 2021.

BLAKEMORE, Erin. Desastre de Chernobyl: o que aconteceu e os impactos a longo prazo. National Geographic, 6 de jun. de 2019. Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/2019/06/o-que-aconteceu-desastre-chernobyl-uniao-sovietica-ucrania-energia-nuclear>>. Acesso em: 12 de nov. de 2021.

BOLSONARO, Eduardo. Desconheço doença para a qual tratamento precoce seja pior do que tratamento com a doença em estágio mais avançado. Aqueles que proíbem o tratamento precoce de COVID são os verdadeiros genocidas. O tempo é o senhor da razão. 19 de março de 2020. Twitter: @BolsonaroSP. Disponível em: <<https://twitter.com/BolsonaroSP/status/1373014356619890696?s=20>>. Acesso em: 1 de outubro de 2021.

BOLSONARO, Eduardo. Em outras palavras: cientificamente falando, quem tem histórico de atleta tem menos chance ter problemas com COVID. 22 de março de

2020. Twitter: @EduardoSP. Disponível em: <<https://twitter.com/BolsonaroSP/status/1373969552304967680?s=20>>. Acesso em: 1 de outubro de 2021.

BOLSONARO, Eduardo. Será que precisaríamos então de duas doses da vacina? Será?. 12 de janeiro de 2021. Twitter: @BolsonaroSP Disponível em: <<https://twitter.com/BolsonaroSP/status/1349074997558587392?s=20>>. Acesso em: 1 de outubro de 2021.

BOLSONARO, Eduardo. Quem assistiu Chernobyl vai entender o q ocorreu. Substitua a usina nuclear pelo coronavírus e a ditadura soviética pela chinesa. +1 vez uma ditadura preferiu esconder algo grave a expor tendo desgaste, mas q salvaria inúmeras vidas. A culpa é da China e liberdade seria a solução. 18 de março de 2020. Twitter: @BolsonaroSP. Disponível em <<https://twitter.com/BolsonaroSP/status/1240286560953815040?s=20>>. Acesso em: 1 de outubro de 2021.

BOLSONARO, Eduardo. NOTA OFICIAL SOBRE AS CRÍTICAS DA EMB. CHINA AO MEU RETWITE LEIA E COMPARTILHE Jamais ofendi o povo chinês, tal interpretação é totalmente descabida. Esclareço que compartilhei postagem que critica a atuação do governo chinês na prevenção da pandemia, 19 de março de 2020. Twitter: @BolsonaroSP. Disponível em: <<https://twitter.com/BolsonaroSP/status/1240700573143330817?s=20>>. Acesso em: 1 de outubro de 2021.

BOTACINI, Guilherme. Imigração Chinesa no Brasil completa 120 anos ainda como alvo de racismo. Folha de S. Paulo, São Paulo, 14 de ago. de 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/08/imigracao-chinesa-no-brasil-completa-120-anos-ainda-como-alvo-de-racismo.shtml>> . Acesso em: 11 de ago. de 2021

BOTTALLO, Ana. Estudo aponta alta proteção da Coronavac contra casos graves de Covid provocados pela delta. Folha de São Paulo, 17 de agosto de 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/08/estudo-aponta-alta-protecao-da-coronavac-contr-casos-graves-de-covid-causados-pela-delta.shtml>>. Acesso em: 5 de nov. de 2021.

BRANDÃO, Elizabeth Pazito. Conceito de comunicação pública. In: DUARTE, Jorge. Comunicação pública: Estado, mercado e interesse público. São Paulo: Atlas, 2007. p. 1 - 33

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Página.

BRONZE, Giovanna. Brasil chega à marca de 100 mil mortes por Covid-19. CNN, 08 de agosto de 2020. Disponível em: <[tps://www.cnnbrasil.com.br/saude/brasil-registra-100-mil-mortes-por-covid-19-mostra-levantamento-da-cnn/](https://www.cnnbrasil.com.br/saude/brasil-registra-100-mil-mortes-por-covid-19-mostra-levantamento-da-cnn/)>. Acesso em: 4 de nov. de 2021

BUENO, Alexandre Marcelo. Língua, imigração e identidade nacional: análise de um discurso a respeito da imigração no Brasil da Era Vargas. Estudos Semióticos. [online] Disponível em: <http://revistas.usp.br/esse>. Editores Responsáveis: Ivã Carlos Lopes e José Américo Bezerra Saraiva. Volume 9, Número 2, São Paulo, Dezembro de 2013, p. 35–43. Acesso em 13/ago/2021.

CARNEIRO, M. L. T. Imigrantes indesejáveis. A ideologia do etiquetamento durante a Era Vargas. Revista USP, São Paulo, n. 9, p. 115-130, out./nov./dez. 2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/revistausp/revista-usp-119-textos-8-imigrantes-indesejaveis-a-ideologia-do-etiquetamento-durante-a-era-vargas/>. Acesso em: 20 de outubro de 2021.

CASTELLS, Manuel. A Galáxia da Internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CASTRO, Milena. Nos 113 anos da imigração japonesa, nipo-brasileiros que moram no DF falam sobre respeito e amor às raízes. G1, 18 de jun. de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2021/06/18/nos-113-anos-da-imigracao-japonesa-nipo-brasileiros-que-moram-no-df-falam-sobre-respeito-e-amor-as-raizes.ghtml>. Acesso em: 9 de nov. de 2021.

CHAMBERS, Robert W. O rei de amarelo. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2014.

COLL, Liana. Não há evidências que cloroquina seja eficaz em prevenção ou tratamento da Covid-19, alerta pesquisador da Unicamp. UNICAMP, 21 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2020/05/21/nao-ha-evidencias-que-cloroquina-seja-eficaz-em-prevencao-ou-tratamento-da?fbclid=IwAR0qT3uuqZVdh9i06if9uicVXuv638Q82ZPVbOneL1mp4w-VB6H8Wt6iOYw>. Acesso em: 4 de nov. de 2021.

Como surgiu o novo coronavírus? Conheça as teorias mais aceitas sobre a sua origem. Instituto Butantan, 14 de jun. de 2021. Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/como-surgiu-o-novo-coronavirus-conheca-as-teorias-mais-aceitas-sobre-sua-origem>. Acesso em: 13 de nov. de 2021.

Coronavírus: veja a cronologia da doença no Brasil. G1, 06 de abril de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/06/coronavirus-veja-a-cronologia-da-doenca-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 25 de out. de 2021.

COSTA, Edivan de Azevedo Silva. A presença asiática no Brasil entre os séculos XIX e XX: "A questão chinesa" e a construção da identidade nacional brasileira. Enfoques, vol. 17, n° 1, pp.19 - 32, 2020.

DEZEM, Rogério. Matizes do 'Amarelo': Elementos formadores do imaginário sobre o japonês no Brasil. São Paulo, 2005. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/37741326/artigo_matizes_amarelo.pdf?1432642905=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DMatizes_do_Amarelo_Elementos_formadores.p

[df&Expires=1591760626&Signature=CoZdGXxuvpz8lltAr~V7e9Kcc49BdnODRVXJlABjZKY4I5b7QP-NyziZ5VJF7fYIjInllllBa-L2fy3w5wphdUZU4G7QeBLu4dyf2kbMayQ59U7QCZ5DenR01ddVjAtacg6oOB7ThkdvEcEj9YSEsvVWvlcqzUGDk0TiBreSwKQ5QTLOOETvcQ9S1qhpqLXI8u3Gv1VucFzx7PlsbfMa-05MphzVzpfhMpXrb98kudnxP3Bj3KLWYX~UqSO1Np8ALEtWnv~KtF3QBUI7jxRsPBmsm~TXleWbJvhurGd7A5zjfkWCQHC6KgRthoVA4D~mpa6~L-hPivpV8geuvtrw_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA](https://www.facebook.com/1591760626/?fbsi=1591760626&fbid=1591760626&fbclid=IwAR01ddVjAtacg6oOB7ThkdvEcEj9YSEsvVWvlcqzUGDk0TiBreSwKQ5QTLOOETvcQ9S1qhpqLXI8u3Gv1VucFzx7PlsbfMa-05MphzVzpfhMpXrb98kudnxP3Bj3KLWYX~UqSO1Np8ALEtWnv~KtF3QBUI7jxRsPBmsm~TXleWbJvhurGd7A5zjfkWCQHC6KgRthoVA4D~mpa6~L-hPivpV8geuvtrw_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA). Acesso em: 8 de out. 2020

DIGITAL 2021 - We are social. We Are Social, Nova York, jan. 2021. Disponível em: <<https://datareportal.com/reports/digital-2021-brazil>>. Acesso em: 16 fev. 2021.

Don't just say there's enormous evidence, Pompeo should present them to the world. Republican government is putting on a show. By demanding to investigate Wuhan lab, they are trying to create continuous controversy and focus, to fool the American public. 3 de maio de 2020. Twitter: @HuXijin_GT. Disponível em: <https://twitter.com/HuXijin_GT/status/1256981816289845248?s=20>. Acesso em: 15 de novembro de 2021.

Doria pai da vachina. 26 de outubro de 2021. Twitter: @Neusa24222793. Disponível em: <<https://twitter.com/Neusa24222793/status/1453110627203960834?s=20>>. Acesso em: 27 de outubro de 2021.

DUARTE, J. A. M. Comunicação Governamental. In: Estrato de verbetes: dicionário de comunicação organizacional. Daiane Scheid, Jones Machado, Patrícia Milano Pérsigo (orgs.). Santa Maria: Facos-UFSM, 2018. 152 p.
Eduardo Bolsonaro é o deputado federal mais votado do Brasil com 1,84 milhões de votos. Agência Câmara de Notícias, 07 de outubro de 2021. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/545848-eduardo-bolsonaro-e-o-deputado-federal-mais-votado-do-brasil-com-184-milhao-de-votos/>>. Acesso em: 02 de nov. de 2021.

Eficácia global da CoronaVac pode chegar a 62,3% com intervalo entre doses igual ou superior a 21 dias. **Instituto Butantan**, 21 de junho de 2021. Disponível em: <<https://butantan.gov.br/noticias/eficacia-global-da-coronavac-pode-chegar-a-623-com-intervalo-entre-doses-igual-ou-superior-a-21-dias>>. Acesso em: 5 de nov. de 2021.

Em nova nota, China diz que Eduardo Bolsonaro 'espalha boatos'. **CNN Brasil**, 19 de mar. de 2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/em-nova-nota-china-diz-que-eduardo-bolsonaro-espalha-boatos/>>. Acesso em: 13 de nov. de 2021.

Em nova provocação à China, Bolsonaro volta a insinuar que o coronavírus pode ter 'nascido em laboratório'. **Carta Capital**, 9 de junho de 2021. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/em-nova-provocacao-a-china-bolsonaro-volta-a-insinuar-que-o-coronavirus-pode-ter-nascido-em-laboratorio/>>. Acesso em: 15 de out. de 2021.

EM novo ataque, Bolsonaro sugere que China faz guerra química com Covid. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 5 de maio de 2021. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/05/em-novo-ataque-bolsonaro-sugere-que-china-faz-guerra-quimica-com-covid.shtml>>. Acesso: 14 de nov. de 2021.

Em ofício à embaixada da China, Senado manifesta respeito e pede desculpas. **Agência Senado**, 19 de mar. de 2020. Disponível em <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/03/19/em-oficio-a-embaixada-da-china-senado-manifesta-respeito-e-pede-desculpas>>. Acesso em: 14 de nov. de 2021.

Essas mais de 3 mil mortes diárias e mais de 400 mil mortos poderiam ter sido evitadas se não tivéssemos um genocida no poder!!! Quando as pessoas irão entender a gravidade do problema? Quantos mortos iremos precisar enterrar mais?. 4 de maio de 2021. Twitter: @so_obsero. Disponível em: <https://twitter.com/so_obsero/status/1389724827691405319>. Acesso em: 4 de novembro de 2021.

Estudo demonstra que Coronavac é eficaz contra casos graves da variante delta. **Portal do Governo**, 18 de agosto de 2021. Disponível em: <<https://www.saopaulo.sp.gov.br/noticias-coronavirus/estudo-demonstra-que-coronavac-e-eficaz-contra-casos-graves-da-variante-delta/>>. Acesso em: 5 de nov. de 2021.

FARH, Tatiana. Comissão da Verdade pede perdão a japoneses perseguidos no pós-guerra. **O Globo**, 10 de out. de 2013. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/comissao-da-verdade-pede-perdao-japoneses-perseguidos-no-pos-guerra-10328886>>. Acesso em: 8 de nov. de 2021.

FARIAS, Luiz Alberto de. Opiniões Voláteis: opinião pública e construção de sentido. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2019.

FARINA, Moderno; PEREZ, Clotilde; BASTOS, Dorinho. A psicodinâmica das cores em Comunicação. 5º ed. São Paulo: Editora Edgard Blucher, 2006.

FERRARI, Murillo; VENAGLIA, Guilherme; MAGALHÃES, Leandro. Eduardo Bolsonaro reitera críticas à China, mas diz querer encontrar o embaixador. CNN Brasil, 19 de mar. de 2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/eduardo-reitera-criticas-a-china-por-coronavirus-mas-quer-encontrar-embaixador/>>. Acesso em: 13 de nov. de 2021.

GAJUS. B, et al. Como as fake news no Telegram pintam a China como inimigo. Diplomatique, 27 de jul. de 2021. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/como-as-fake-news-no-telegram-pintam-a-china-como-inimigo/>>. Acesso em: 31 de jul. de 2021

GERALDO, Endrica. A "Lei de Cotas" de 1934: controle de estrangeiros no Brasil. Cad AEL, v.15,n. 27, 2009.

GONÇALVES DA SILVA, Luciana Aboim Machado. A Aplicação dos Direitos Fundamentais aos Estrangeiros Não-Residentes no Brasil. Direito Público, n. 14, p. 53-57, out./dez. 2006.

Governo de SP determina quarentena em todo o Estado. Portal do Governo, 21 de março de 2020. Disponível em: <<https://www.saopaulo.sp.gov.br/ultimas-noticias/ao-vivo-governo-de-sp-anuncia-novas-medidas-para-combate-ao-coronavirus-no-estado/>>. Acesso em: 25 de out. de 2021.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11º ed. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2011

HASWANI, Mariângela Furlan. A comunicação estatal como garantia de direitos: foco no Brasil, na Colômbia e na Venezuela. Tese (Doutorado em Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2010. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/84/84131/tde-31082012-122619/pt-br.php>>. Acesso em 03/09/2021

IDOETA, Paula Adamo. A história de Bolsonaro com a hidroxicloroquina em 6 pontos: de tuítes de Trump à CPI da Covid. BBC News Brasil, 21 de maio de 2021. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57166743>>. Acesso em: 4 de nov. de 2021.

ITO, Carol. Meu nome não é japa: o preconceito amarelo. Revista trip, 12 de mar. de 2020. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/trip/meu-nome-nao-e-japa-o-preconceito-amarelo>>. Acesso em: 9 de nov. de 2020.

JENKINS. Henry. Cultura da Convergência. 2º ed. São Paulo: Editora Aleph, 2012.

KATSUO, Hugo. Isso significa que somos brancos? Não. Ao apontar que pessoas amarelas são brancas, você está deslegitimando nossa identidade étnico-racial e, consequentemente, apagando toda a memória e a história dos nossos ancestrais. 22 de jan. de 2020. Disponível em: <<https://twitter.com/hugokatsuo/status/1219956685810343937?s=20>>. Acesso em: 15 de nov. de 2021.

KATAOKA, Juliana. Os ataques de apoiadores de Bolsonaro chegaram à comunidade asiática. BuzzFeed, 23 de out. de 2018. Disponível em: <<https://www.buzzfeed.com/br/julianakataoka/os-ataques-de-apoiadores-de-bolsonaro-chegaram-a-comunidade>>. Acesso em 8 de nov. de 2021.

KATAOKA, Juliana. Jessica e Celina fizeram fotos de como descendentes de asiáticos se sentem ao sofrerem racismo. BuzzFeed, 2018. Disponível em: <<https://buzzfeed.com.br/post/jessica-e-celina-fizeram-fotos-de-como-descendentes-de-asiaticos-se-sentem-ao-sofrerem-racismo>>. Acesso em: 8 de nov. de 2021.

KATAOKA, Juliana. oi @EmbaixadaChina mto divertido ver as respostas de vcs, mas é um equívoco responder os bolsonaros porque eles não estão a altura de uma resposta. isso só faz colaborar para que eles personifiquem na china um inimigo pra

acobertar a incompetência deles em lidar contra o corona. 19 de março de 2020. Disponível em: <<https://twitter.com/julianakataoka/status/1240770971079970818?s=20>>. Acesso em: 14 de novembro de 2021.

KOHATSU, Lineu Norio; SAITO, Gabriel Katsumi; ANDRADE, Patrícia Ferreira de; "Imigração, Mídia e Xenofobia: A Ameaça Imaginária em Questão", p. 125 -146. In: Teoria Crítica, Violência e Resistência. São Paulo: Blucher, 2021.

LE MOS, André. Cibercultura e Mobilidade: a era da conexão. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Uerj, Rio de Janeiro, set. 2005. Disponível em: . Acesso em: 17 set. 2021.

LINDNER, Julia e PORTINARI, Natália. Exclusivo: Executivo da SinoVac pediu fim de ataques do governo Bolsonaro à China para não atrasar insumos da vacina CoronaVac. O Globo, 9 de junho de 2021. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/politica/exclusivo-executivo-da-sinovac-pediu-fim-de-ataques-do-governo-bolsonaro-china-para-nao-atrasar-insumos-da-vacina-coronavac-25052462>>

LIPPMANN, Walter. Opinião Pública. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

MACIEL, M. E. d. S. A eugenia no Brasil. Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v.7, n. 11. p. 121-130, jul. 1999.

MAIA, Rodrigo. Em nome da Câmara dos Deputados, peço desculpas à China e ao embaixador @WanmingYang pelas palavras irrefletidas do Deputado Eduardo Bolsonaro. 19 de maio de 2020. Twitter: @RodrigoMaia. Disponível em: <<https://twitter.com/RodrigoMaia/status/1240474698326163456?s=20>>. Acesso em: 27 de outubro de 2021.

MARTINS, Leonardo; BRAGANÇA, Rafael; BRITO, Allan. CoronaVac: Eficácia geral é de 50,38%, diz SP; Anvisa exige a partir de 50%. UOL, 12 de janeiro de 2021. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/01/12/detalhes-eficacia-coronavac.htm>>. Acesso em: 5 de nov. de 2021.

MATOS, Heloiza. Comunicação Política e Comunicação Pública. Organicom, ano 3, v. 4, p. 58 - 73, jan./jun. 2006.

MAZUI, Guilherme. Bolsonaro chama coronel Brilhante Ustra de 'herói nacional'. g1, 08 de ago, de 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/08/08/bolsonaro-chama-coronel-ustra-de-heroi-nacional.ghtml>>. Acesso em: 12 de nov. de 2021

MILAN, Pollianna. Japoneses eram vistos como o perigo amarelo. Gazeta do Povo, 23 de jul de 2010. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e->

[cidadania/japoneses-eram-vistos-como-o-perigo-amarelo-2pvgnghu8ojd88txrj4rg7uq6/](https://www.bbc.com/portuguese/brasil-40816773?fbclid=IwAR3cAyYpJA6MKFM2UZC6bt-VBEDXXisfZnMIL7PCDUW0QmcFc-cqWeIYRAs). Acesso em: 10 de out. de 2021.

MORI, Letícia. 'Não toleramos mais': por que velhas piadas estão inflamando debate sobre racismo entre descendentes de asiáticos no Brasil. BBC Brasil, 4 de agosto de 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-40816773?fbclid=IwAR3cAyYpJA6MKFM2UZC6bt-VBEDXXisfZnMIL7PCDUW0QmcFc-cqWeIYRAs>. Acesso em: 8 de nov. de 2021.

NARITA, Beatriz. Perigo Amarelo 4.0: uma peça na geopolítica da nova década. Disparada. 19 de mar. de 2020. Disponível em: <https://disparada.com.br/perigo-amarelo-peca-na-geopolitica/>. Acesso em: 8 de out. de 2021.

O rastreamento da origem do COVID-19 não deve ser politizado. 26 de julho de 2021. Twitter: @EmbaixadaChina. Disponível em: <https://twitter.com/EmbaixadaChina/status/1419769245299318785?s=20>. Acesso em: 1 de outubro de 2021.

Obrigado @EmbaixadaChina por ter criado o vírus Corona, ter omitido informações (normal no comunismo) e estabelecer o caos no planeta, obrigado mesmo(ironia) #GloboLixo Não estão satisfeitos vão embora e façam negócio com a Venezuela. 19 de março de 2020. Twitter: @schmidtcoxa. Disponível em: <https://twitter.com/schmidtcoxa/status/1240608123162972161?s=20>. Acesso em: 14 de novembro de 2021.

OLIVEIRA, Adriana Capuano de; TARELOW, Gustavo Querodia. O "Perigo Amarelo": Imigração japonesa, eugenia e os discursos de A. C. Pacheco e Silva na Assembleia Constituinte (1933-1934), p.17-41. In: Saúde e História de Migrantes e Imigrantes: Direitos, Instituições e Circularidades. São Paulo : USP, Faculdade de Medicina: UFABC, Universidade Federal do ABC: CD.G Casa de Soluções e Editora, 2014

OLIVEIRA, W.; ROCHA, C.; LEAL, M. Intolerância étnica e racial: o pensamento eugenista no Brasil e o ideal de "purificação" das raças.

O'REILLY, T. What is Web 2.0. Disponível em: <oreilly.com/pub/a/web2/archive/what-is-web-20.html> .Acesso em: 8 de out. 2021

PATRICK, Igor. Durante pandemia, direita domina debate sobre China no Twitter. Folha de S. Paulo, 31 de mai. de 2021. Disponível em: <https://chinaterradomeio.blogfolha.uol.com.br/2021/05/31/durante-pandemia-direita-domina-debate-sobre-china-no-twitter/>. Acesso em: 15 de nov. de 2021.

PETRUCCELLI, José Luis. Raça, identidade, identificação: abordagem histórica conceitual. In: PETRUCCELLI, José Luis; SABOIA, Ana Lucia. Características Étnico-raciais da População: Classificações e identidades, 2013. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv63405.pdf>>. Acesso em: 4 de nov. de 2021.

PIZA, Douglas de Toledo. Um pouco de mundialização contada a partir da região da Rua 25 de Março: Migrantes chineses e o comércio "informal". Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade de São Paulo

PRIMEIRO caso de Covid-19 no Brasil completa um ano. Agência Brasil. Brasília, 26 de fevereiro de 2021. Disponível em <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-02/primeiro-caso-de-covid-19-no-brasil-completa-um-ano>>. Acesso em: 14 de nov. de 2021.

PRIMEIRO caso de Covid-19 pode ter surgido na China em outubro de 2019, diz estudo. G1. 25 de junho de 2021. Disponível em <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/06/25/primeiro-caso-de-covid-19-pode-ter-surgido-na-china-em-outubro-de-2019-diz-estudo.ghtml>>

RAMOS DA SILVA, Caio. Identidade e pós-modernidade, uma perspectiva queer. Revista Contraponto, v.1, n.2, p.140-158, jan/jul. 2015

Revista "The Lancet" é a mais importante na área de ciências médicas. Jornal da USP, 12 de setembro de 2021. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/revista-the-lancet-e-a-mais-importante-na-area-de-ciencias-medicas/>>. Acesso em: 25 de out. de 2021.

Recomendamos um livro chinês, que você conhece bem. "Na terra do Cervo Branco" - Chen Zhongshi. 17 de março de 2021. Twitter: @EmbaixadaChina. Disponível em: <<https://twitter.com/MaiaFerreira17/status/1451684611587813376?s=20>>. Acesso em: 1 de outubro de 2021.

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil. 2º ed. Curitiba: Companhia das Letras, 1995.

SACRAMENTO, Igor. A melodramatização da pandemia: a Covid-19 e as dinâmicas de representação do inimigo. In: Barbosa, Marialva e Sacramento, Igor. Vozes consoantes: comunicação e cultural em tempos de pandemia. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2020. p. 116 - 164.

SAKURAI, Célia. Os japoneses. São Paulo: Editora Contexto, 2007

SAYURI, Juliana. #EuNãoSouUmVírus: epidemia de covid-19 dispara racismo contra asiáticos. UOL, 12 de fevereiro de 2020. Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/02/12/eunaosouumvirus-ameaca-de-pandemia-dispara-racismo-contr-amarelos.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 3 de nov. de 2021.

SHIMABUKO, Gabriela. A origem do Perigo Amarelo: Orientalismo, colonialismo e a hegemonia euro-americana. Outra Coluna, 26 de mar de 2017. Disponível em: <https://outracoluna.wordpress.com/2017/03/26/a-origem-do-perigo-amarelo-orientalismo-colonialismo-e-a-hegemonia-euro-americana/>. Acesso em: 8 de out. de 2021.

SHIMABUKO, Gabriela. Anti-negritude é global: a participação asiática no racismo anti-negro. Outra Coluna, 13 de junho de 2016. Disponível em: <<https://outracoluna.wordpress.com/2016/06/13/a-participacao-asiatica-no-racismo-anti-negro/>>. Acesso em: 8 de nov. de 2021.

SOUZA, Rafael Pereira de. Direitos civis de estrangeiros no Brasil do Segundo Reinado. Rio de Janeiro, 2006.

STANWAY, David. Primeiro caso de covid-19 pode ter surgido na China em outubro de 2019. Agência Brasil, 25 de jun de 2021. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2021-06/primeiro-caso-de-covid-19-pode-ter-surgido-na-china-em-outubro-de-2019>>. Acesso em: 12 de nov. de 2021.

Tenho histórico de atleta, ufa. 24 de jun. de 2020. Twitter: @1000lenamoreira. Disponível em: <<https://twitter.com/1000lenamoreira/status/1275645880255877125?s=20>>. Acesso em: 4 de nov. de 2021.

TOLEDO, Karina. Hospitalização por COVID-19 é 34% menor entre pessoas fisicamente ativas, aponta estudo. Agência FAPESP, 23 de novembro de 2020. Disponível em: <<https://agencia.fapesp.br/hospitalizacao-por-covid-19-e-34-menor-entre-pessoas-fisicamente-ativas-aponta-estudo/34659/>>. Acesso em: 4 de nov. de 2021.

TOLENTINO, Luana. 'Só o racismo explica a chegada de Bolsonaro ao poder'. Carta Capital, 24 de set. de 2021. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/so-o-racismo-explica-a-chegada-de-bolsonaro-ao-poder/>>. Acesso em: 15 de nov. de 2021.

Trump acusa China de ter encoberto pandemia do novo coronavírus. O Estado de S. Paulo, 04 de mai. de 2020. Disponível em: <<https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,trump-acusa-china-de-ter-encoberto-pandemia-do-novo-coronavirus,70003291374>>. Acesso em: 13 de nov. de 2021.

Um estudo mostrou que a vacina Coronavac é eficaz na proteção contra a variante delta da Covid-19, por meio de um intenso monitoramento e rastreamento de casos suspeitos. A efetividade da vacina chegou a 77,7% para os que tomaram as duas doses. Confira. 18 de agosto de 2021. Twitter: @EmbaixadaChina. Disponível em: <<https://twitter.com/EmbaixadaChina/status/1428116413395488774?s=20>>. Acesso em: 20 de outubro de 2021.

VALLE, Leonardo. Pandemia de covid-19 intensificou preconceito contra descendentes de asiáticos amarelos. Instituto Claro, 23 de março de 2020. Disponível em: <<https://www.institutoclaro.org.br/cidadania/nossas-novidades/reportagens/pandemia-de-covid-19-intensificou-preconceito-contra-descendentes-de-asiaticos-amarelos/>>. Acesso em: 3 de nov. de 2021.

Veja as falas preconceituosas de Bolsonaro e o que diz a lei sobre injúria e racismo. Folha de S. Paulo, 26 de jan. de 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/veja-falas-preconceituosas-de-bolsonaro-e-o-que-diz-a-lei-sobre-injuria-e-racismo.shtml?origin=folha>>. Acesso em: 10 de out. de 2021

Você sabe o que é militância asiática?. Carta Capital, 27 de mar de 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/voce-sabe-o-que-e-militancia-asiatica/>. Acesso em: 8 de out. de 2021.

WERNER, Luciana. Ódio e preconceito contra asiáticos crescem no Brasil e nos EUA. Projeto Colabora, 25 de mai. de 2021. Disponível em <<https://projetocolabora.com.br/ods3/cresce-o-odio-contr-asiaticos/>>. Acesso em: 10 de out. de 2021.

WETERMAN, Daniel. Em nome do Senado, Anastasia pede desculpas à China por declarações de Eduardo Bolsonaro. O Estado de S. Paulo. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,em-nome-do-senado-anastasia-pede-desculpas-a-china-por-declaracoes-de-eduardo-bolsonaro,70003240183>>. Acesso em: 14 de nov. de 2021.

YAMADA, Akira. No Dia da Imigração Japonesa no Brasil, é preciso celebrar laços entre países. Folha de S. Paulo, 18 de jun. de 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/06/no-dia-da-imigracao-japonesa-no-brasil-e-preciso-celebrar-lacos-entre-paises.shtml>>. Acesso em: 9 de nov. de 2021.

YANG, Alexander Chung Yuan. O comércio dos "coolie" [1819 - 1920]. Revista de História, nº 112, p. 419 - 428, 1977.

YANG, Jeff. A new virus stirs up ancient hatred. CNN, 30 de janeiro de 2020. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2020/01/30/opinions/wuhan-coronavirus-is-fueling-racism-xenophobia-yang/index.html>>. Acesso em: 5 de nov de 2021.

YANG, Wanming. A China está junto com o Brasil na luta contra a pandemia e continuará a ajudar o Brasil neste combate dentro do seu alcance. A União e a solidariedade são os caminhos corretos para vencer a pandemia. 25 de janeiro de 2021. Twitter: @WanmingYang. Disponível em: <<https://twitter.com/WanmingYang/status/1353788975492849666?s=20>>. Acesso em: 1 de outubro de 2021.

YANG, Wanming. A parte chinesa repudia veementemente as suas palavras, e exige que as retire imediatamente e peça uma desculpa ao povo chinês. Vou protestar e manifestar a nossa indignação junto ao Itamaraty e a @camaradeputados @BolsonaroSP @ernestofaraujo @RodrigoMaia. 18 de março de 2020. Twitter: @WanmingYang. Disponível em: <<https://twitter.com/WanmingYang/status/1240441812105519109?s=20>>. Acesso em: 1 de outubro de 2021.

YANG, Wanming. @BolsonaroSP Além disso, vão ferir a relação amistosa China-Brasil. Precisa assumir todas as suas consequências. @ernestofaraujo @RodrigoMaia @camaradeputados. 18 de março de 2020. Twitter: @WanmingYang. Disponível em: <<https://twitter.com/WanmingYang/status/1240441812105519109?s=20>>. Acesso em: 1 de outubro de 2021.